



Aprendizagem contextual. Impacto motivacional de atividades musicais extracurriculares em alunos de Guitarra de um Conservatório de música

Marco Paulo Duarte Ferreira

UMinho | 2014



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Marco Paulo Duarte Ferreira

Aprendizagem contextual. Impacto motivacional de atividades musicais extracurriculares em alunos de Guitarra de um Conservatório de música

outubro de 2014



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Marco Paulo Duarte Ferreira

**Aprendizagem contextual. Impacto
motivacional de atividades musicais
extracurriculares em alunos de Guitarra
de um Conservatório de música**

Relatório de Estágio
Mestrado em Ensino de Música

Trabalho realizado sob orientação do
Professor Doutor Ricardo Barceló (Supervisor)
e do
Professor José Mesquita Lopes (Cooperante)

outubro de 2014

Nome: Marco Paulo Duarte Ferreira.

Endereço eletrónico: marcopdf@hotmail.com

Número do Bilhete de Identidade: 12462760

Título do Relatório: *Aprendizagem contextual. Impacto motivacional de atividades musicais extracurriculares em alunos de Guitarra de um Conservatório de música*

Orientador: Professor Doutor Ricardo Barceló

Ano de conclusão: 2014

Designação do Mestrado: Mestrado em Ensino de Música

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTES RELATÓRIOS APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, 27/10/2014

Assinatura: _____

Agradecimentos

Quero agradecer à Universidade do Minho pelos 2 anos de ensino rigoroso e exemplar que fizeram com que eu realizasse este trabalho de investigação.

Ao meu supervisor Professor Doutor Ricardo Barceló pelos seus ensinamentos, aconselhamentos e por estar sempre presente na rapidez de resposta de todos os e-mails enviados durante todo este percurso.

À instituição de acolhimento Orfeão de Leiria/Conservatório de Artes, por aceitar a concretização e desenvolvimento do meu estágio.

Ao meu cooperante Professor Mestre José Mesquita Lopes, por todo o seu esforço, cooperação, ensinamentos, dedicação, amizade e pelo bom ambiente que foi sempre estabelecido nas aulas e fora delas.

Aos meus colegas de curso Daniel Lemos, Tiago Sampaio e Tiago Sousa, pela ajuda e amizade gerados desde o início do mestrado.

Igualmente aos meus grandes amigos guitarristas Nuno Cachada pela dedicação, alojamento, pelas “aulas de guitarra” dadas durante estes 2 anos e ao João Carneiro pela grande amizade e por todo o apoio.

Agradecimentos especiais

Aos meus pais Margarida Felipe Duarte e Manuel Jorge Ferreira pelo apoio incondicional e por todas as razões.

Ao meu irmão Humberto Ferreira pela ajuda, dedicação incansável durante todo o meu percurso académico.

À minha namorada Catarina Ferreira por toda a ajuda prestada, conselhos, dedicação e presença em todos os momentos.

Aprendizagem contextual. Impacto motivacional de atividades musicais extracurriculares em alunos de Guitarra de um Conservatório de música

Resumo

Este estudo pretende contribuir para a identificação de fatores que permitam melhorar a motivação escolar assim como o sucesso escolar. Portanto, o presente trabalho pretende investigar sobre os resultados da participação de alunos em atividades musicais extracurriculares, como ferramenta motivacional no estudo da guitarra, inserido no ensino vocacional de música.

Esta temática já tem sido estudada por vários autores em diversos contextos, em que, na maior partes dos casos, foram obtidos resultados consideravelmente positivos. Alguns estudos têm revelado que a participação de alunos em atividades extracurriculares aumenta a sua motivação e, em certos casos, também o sucesso escolar.

Para este estudo, participaram 16 alunos de guitarra de um Conservatório de música. Durante um ano letivo, foram desenvolvidas atividades musicais extracurriculares para os alunos referidos. Verificou-se que, de certa forma, alguns alunos apresentam comportamentos motivacionais mais elevados, embora em diferentes níveis, após terem realizado as atividades mencionadas. Em certos casos, o sucesso escolar aumentou, bem como a própria vontade de progredir no estudo na guitarra num nível superior.

Palavras-chave: Atividades Musicais Extracurriculares; Motivação escolar; Sucesso escolar; Guitarra clássica.

Contextual learning. Motivational impact of extracurricular musical activities in Guitar students of a Conservatory of music

Abstract

This study contributes to the identification of factors that allows improving school motivation as well school success. Therefore, the present work investigates the student development on extracurricular music activities, as well a motivational tool in guitar studies inserted in vocational music teaching.

This theme has already been studied by many authors in several contexts, in which, in several cases, the results were very positives. Some studies have revealed that the student participation in extracurricular activities, increases self-motivation and, in certain cases, the school success.

For this study, 16 guitar students from the music school participated. During a school year, the extracurricular music activities of the students were developed. It was confirmed that, in a certain way, some of the students, show more motivational behavior, although in different levels, after performing the mentioned activities. In certain cases, the school success increases, as well the own will to progress in the guitar studies in a superior level.

Keywords: Extracurricular music activities; School motivation; School success; Classical guitar.

Índice geral

Agradecimentos.....	iii
Agradecimentos especiais.....	iii
Resumo.....	iv
Abstract.....	v
Introdução.....	1
Capítulo I.....	3
1. Contexto.....	3
1.1. Caracterização do Orfeão de Leiria/Conservatório de Artes.....	3
1.2. Organograma do Orfeão de Leiria/Conservatório de Artes	5
1.3. Caraterização geral dos alunos/turma.....	6
2. Plano de Intervenção	12
2.1. Objetivos	12
2.2. Recolha de dados	14
2.3. Estratégias.....	14
2.4. Materiais específicos.....	15
2.4.1. Inquéritos ministrados aos alunos	16
2.4.2. Inquéritos ministrados ao professor cooperante	16
2.4.3. Entrevista realizada ao professor cooperante	17
Capítulo II.....	19
3. Enquadramento teórico/justificação do estudo.....	19
3.1. Conceito de motivação.....	19
3.2. Motivação intrínseca e extrínseca	23
3.2.3. Motivação Intrínseca	24
3.2.4. Motivação Extrínseca.....	26
3.3. Amotivação.....	27
3.4. Autonomia	28
3.5. <i>Continuum</i> de Autodeterminação	28

4. A influência da motivação do professor sobre motivação do aluno	30
5. Estratégias, métodos e fatores que influenciam a motivação escolar.....	32
6. A contribuição das atividades extracurriculares para a motivação escolar.....	35
7. A contribuição do contexto escolar para a Motivação escolar	38
Capítulo III	43
8. Desenvolvimento da intervenção	43
8.1. Atividades musicais extracurriculares	43
8.1.2. Concerto na Igreja dos Parceiros – Leiria.....	44
8.1.3. Concerto intercâmbio na Igreja de S. Pedro – Leiria	46
8.1.4. Concerto na FNAC – Leiria.....	48
8.1.5. Master classe de guitarra – Orfeão de leiria/Conservatório de Artes.....	49
9. Dados estatísticos, verificação e avaliação de resultados	58
9.1. Inquéritos ministrados aos alunos	58
9.2. Entrevista	70
9.3. Inquérito on-line.....	70
Conclusão	74
Anexos A - Inquéritos ante intervenção	80
Anexo B - Inquéritos pós intervenção	86
Anexo C - Entrevista	91
Anexo D – Gravações dos áudio visuais dos concertos	94

Índice de gráficos

Gráfico 1: Quantidade de atividades extracurriculares (não musicais) praticadas, em relação ao ensino básico e complementar.....	58
Gráfico 2: Qualidade de atividade que todos os alunos gostariam de participar, em relação às que gostaram de participar	60
Gráfico 3: Média do sucesso escolar por nível dos alunos antes e pós atividades extracurriculares (1º e 3º período).....	62
Gráfico 4: Motivação escolar antes e depois da participação nas atividades em relação ao número total de alunos.	63
Gráfico 5: Opinião dos alunos relativamente ao facto das atividades extracurriculares terem sido estimulantes/motivantes.....	66
Gráfico 6: Determinação em prosseguir os estudos antes e depois da intervenção em relação ao numero total de alunos	67
Gráfico 7: Percentagem de professores que têm por habito realizar atividades musicais extracurriculares	71
Gráfico 8: Tipos e quantidade de atividades musicais extracurriculares mais realizados por professores de guitarra clássica	71
Gráfico 9: Opiniões de professores de guitarra sobre o facto das atividades extracurriculares contribuírem para um melhor sucesso escolar	72
Gráfico 10: Razão pela qual não os professores de guitarra não realizam atividades musicais extracurriculares	72

Índice de tabelas

Tabela 1: Número de alunos em função do nível e do género (M, F)	12
Tabela 2: Processo de automotivação	30
Tabela 3: Frases que devem de ser usadas VS frases que não devem ser usadas.....	34
Tabela 4: Modelos de aprendizagem existentes e a aprendizagem contextual	41
Tabela 5: Atividades musicais extracurriculares realizadas.....	44
Tabela 6: Quantidade de práticas de atividade extracurricular não musicais por nível de aprendizagem.....	59
Tabela 7: Avaliações por aluno repartidos por níveis de escolaridade em relação ao 1º período e ao 3º período (antes e depois a intervenção pedagógica)	61
Tabela 8: Motivação escolar em relação a cada grau/nível antes e pós intervenção por aluno..	64
Tabela 9: Determinação em prosseguir os estudos antes e depois da intervenção por aluno, em relação ao ensino básico e complementar	69

Índice de figuras

Figura 1 e 2: Fotografias da sala de aula modelo do Orfeão de Leiria.....	4
Figura 3: Organograma do Orfeão de Leiria/Conservatório de Artes.....	5
Figura 4: Sequência motivacional.....	22
Figura 5: Concerto na Igreja dos Parceiros	44
Figura 6: Concerto intercâmbio na Igreja de S. Pedro	46
Figura 7: Concerto na FNAC	48

Introdução

O presente trabalho de estágio está inserido no âmbito do 2º ano do ciclo de estudos, conducente ao grau de Mestre em Ensino de Música, variante instrumento, opção Guitarra, do Instituto de Educação da Universidade do Minho e do Departamento de Música do I.L.C.H., - no ano letivo 2013/2014. O Relatório de Estágio é um documento da etapa final do curso. Este último proporciona a habilitação profissional necessária para o exercício da docência tal como refere o Decreto-Lei nº 240/2001, de 30 de Agosto de 2001, que aprova o perfil geral de desempenho profissional do Educador de Infância e dos professores dos Ensinos Básico e Secundário.

Esta investigação ocorreu durante o ano letivo 2013/2014, na instituição Orfeão de Leiria/Conservatório de Artes, em Leiria, de acordo com o protocolo desenvolvido pela Universidade do Minho e a referida escola.

Esta intervenção pretende estudar qual o impacto motivacional que atividades musicais extracurriculares poderão ter em alunos, no estudo da guitarra clássica, numa perspetiva de elaboração das mesmas para participação os alunos mencionados. Para a aplicação do estudo, colaboraram 16 alunos simultaneamente do ensino básico e secundário de instrumento (guitarra) da referida escola. Este projeto tem como objetivo principal verificar se a participação de alunos em atividades musicais extracurriculares tem impacto nalguns fatores, nomeadamente na motivação e no sucesso escolar dos alunos. Neste sentido, foram elaboradas várias atividades musicais extracurriculares tais como concertos, audições, intercâmbios escolares e master classes, onde os referidos alunos participaram, verificando qual ela o nível motivacional e sucesso escolar, entre outros fatores, antes e depois da intervenção pedagógica.

Pretende-se assim, levar os alunos fora do espaço escolar, noutra contexto de aprendizagem, expondo a realidade musical noutra dimensão, tentando deste modo, abrir-lhe novos horizontes e possíveis perspetivas de vida.

Este relatório foi organizado de forma pragmática e concisa, de forma que qualquer leitor possa entender de forma clara todas as ações que foram desenvolvidas durante a intervenção pedagógica. Assim, este trabalho foi dividido em quatro capítulos distintos, sendo cada um deles expostos segundo as fases de realização do relatório.

Assim, no primeiro capítulo estão apresentados a escola de acolhimento bem como a caracterização dos alunos que estiveram na base da intervenção. Também irá ser feita referência ao plano de trabalho que definiu e orientou este estudo.

No segundo capítulo está apresentado o enquadramento teórico mencionando os vários tipos de motivação (intrínseca e extrínseca), fazendo uma breve explicação sobre o significado de Amotivação e Autonomia. Também será feita referência sobre a teoria desenvolvida por Deci e Ryan (2000) explicando o que é o *continuum* de autodeterminação e como se pode aplicar, assim como alguns fatores que influenciam a motivação escolar defendida por Jesus (2008) e, Lourenço e Paiva (2010), entre outros. A influência positiva das atividades extracurriculares na motivação escolar irá ser defendida por vários autores tais como Locatelli *et al.* (2007), Moriana *et al.* (2006), Almeida e Nogueira (2002), Gerber (1996), entre outros. Igualmente está apresentado autores tais como Neves e Boruchovitch (2004), Röhrich (2012) e Berns e Erickson (2001) que defendem que o contexto escolar contribui, de certa forma, para a motivação escolar.

No terceiro e último capítulo está apresentada toda a descrição das atividades extracurriculares desenvolvidas durante o estágio, tais como, concertos, recitais, intercâmbios e master classe. Posteriormente, serão indicados todas as estatísticas e resultados finais que advieram dos inquéritos fornecidos.

Capítulo I

1. Contexto

A fim de determinar o contexto de intervenção, segue-se uma breve apresentação da escola Orfeão de Leiria/Conservatório de Artes, que generosamente aceitou o desenvolvimento deste projeto de intervenção pedagógica supervisionada, assim como os alunos/turma da mesma que foram alvo do presente estudo.

1.1. Caracterização do Orfeão de Leiria/Conservatório de Artes

O Orfeão de Leiria/Conservatório de Artes erguido em Maio de 1946, começa a sua atividade com um Coral dirigido por Rui Barral. Teve como primeiro presidente Vítor Carvalho aquando o cinquentenário da instituição, com Henrique Pinto, presidente de 1983 a 2013.

A presente escola localiza-se no edifício sede do Orfeão de Leiria/Conservatório de Artes, na Av. 25 de Abril, em Leiria junto ao Estádio Municipal de Leiria - Dr. Magalhães Pessoa. A Escola de Música do Orfeão de Leiria (EMOL) é uma escola de ensino artístico, privado, sujeita ao Estatuto do Ensino Particular e Cooperativo, tutelada pelo Orfeão de Leiria/Conservatório de Artes (OL/CA). É instituição de utilidade pública. Desde 12 junho de 1990, tem paralelismo pedagógico, tendo os seguintes regimes de funcionamento: preparatório articulado, supletivo e livre.

No que diz respeito ao ensino oficial, mais propriamente, em regime articulado, o plano de estudos corresponde ao estabelecido da portaria 1550/2002, de 26 de Dezembro, que Dotada de um Projeto Educativo que a distingue entre todos os conservatórios nacionais, ministra ao momento 23 cursos básicos e complementares: Acordeão, Canto, Clarinete, Contrabaixo de Cordas, Cravo, Fagote, Flauta de Bisel, Flauta Transversal, Formação Musical,

Harpa, Oboé, Órgão, Percussão, Piano, Saxofone, Trombone, Trompa, Trompete, Tuba, Guitarra Clássica, Viola, Violino e Violoncelo.

No que respeita ao regime livre, estão em funcionamento, desde o ano letivo 2006/2007 os seguintes cursos: Órgão Eletrónico, Guitarra elétrica, Viola Baixo e Guitarra Clássica.

É uma instituição que tem como objetivos gerais, uma tríade fundamental defendida pela direção, já desde 1983: Desenvolvimento do ensino artístico; criação de infraestruturas; existência duma manifestação cultural de referência.

Esta escola, tem tido, nos últimos anos, cerca de 600 alunos e mais de 50 professores. Dispõe de 24 salas de aulas, três estúdios de dança e um auditório de excelente qualidade. O seu Projeto Educativo tem como principal prioridade, o ensino pré-escolar e a formação profissional de todos os agentes educativos envolvidos na cadeia do ensino artístico.



Figura 1 e 2: Fotografias da sala de aula modelo do Orfeão de Leiria

Quanto à estrutura organizacional da Escola de Música do Orfeão de Leiria, Departamento do Orfeão de Leiria/Conservatório de Artes, está representada, na seguinte página, o organograma desta instituição:

1.2. Organograma do Orfeão de Leiria/Conservatório de Artes

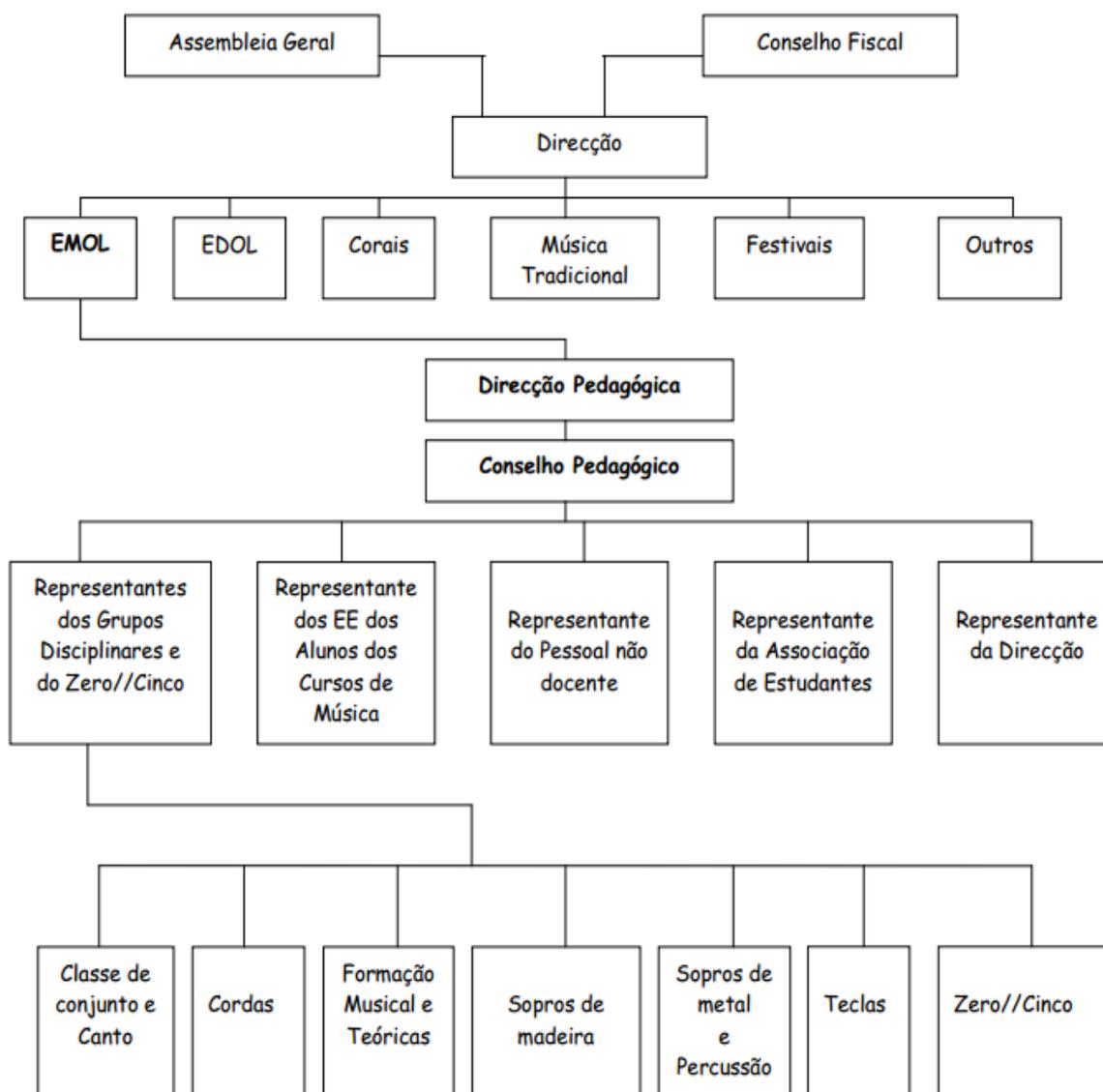


Figura 3: Organograma do Orfeão de Leiria/Conservatório de Artes

1.3. Caraterização geral dos alunos/turma

Este estudo contou com a colaboração de vários alunos que frequentam o ensino vocacional de guitarra clássica, 9 alunos de ensino coletivo (música de câmara) e 8 alunos de ensino individual, um deles integrando-se nos dois tipos de ensino, ou seja, um total de 16 alunos compreendidos entre os 10 e os 29 anos de idade, do 1º ao 8º Graus, curso livre e “Curso Profissional de instrumento de cordas e teclas”, guitarra clássica, 12ºano. A escolha dos participantes foi efetuada de forma aleatória, não sendo escolhidos quaisquer fatores técnicos/musicais relativos aos alunos, para o presente estudo.

Escusado será referir que o grau e a idade dos alunos, é referente ao ano letivo 2013/2014 e, não, à data do presente trabalho.

De seguida, irá ser feita uma apresentação breve e geral dos alunos, referidos anteriormente. A identidade dos alunos não irá ser divulgada, sendo somente identificados por letras ou pelo nome da disciplina (Aluno, A, B, C, D, E, F, G, H e Musica de Câmara). Assim, a elaboração dos perfis de cada aluno, foram obtidas após a análise dos inquéritos realizados, das informações da própria escola referente aos alunos, dos registos das atividades realizadas nas suas aulas e nas conversas não formais com o Professor José Mesquita Lopes durante o fora do decorrer das aulas.

Aluno A

Este aluno tem 10 anos de idade e frequenta o 1º Grau no regime articulado do curso de guitarra.

Começou por aprender a tocar guitarra no presente ano letivo 2013/2014 em regime articulado com o professor Dr. José Mesquita. Embora seja um aluno que, durante as aulas, apresenta motivação e interesse, segundo o referido professor, poderia empenhar-se mais no estudo em casa, mantendo assim um estudo contínuo e um melhor aproveitamento escolar. Essa falta de estudo deriva do facto do aluno participar em várias atividades não letivas,

nomeadamente, futebol, natação e aulas de inglês, sendo as duas primeiras mais subcarregadas semanalmente.

É um aluno que apresenta um repertório referente ao seu nível, podendo facilmente, com algum estudo, evoluir de forma rápida.

Aluno B

Este aluno tem 15 anos de idade e frequenta o 6º Grau no regime livre do curso de guitarra. Apesar deste aluno frequentar o curso livre e não o oficial, irá ser incluído neste estudo, dado que frequenta todas as unidades curriculares referentes a um curso oficial.

Começou a estudar guitarra clássica no ano letivo 2007/2008 em regime articulado. Segundo o seu professor, Dr. José Mesquita, sempre foi um aluno assíduo que, embora com algumas lacunas, sempre trabalhou de modo a conseguir chegar aos objetivos pretendidos.

Completo o 5º Grau de ensino articulado de guitarra. No ano seguinte 2013/2014 foi para o 6º grau para o regime livre, continuando com o mesmo professor.

Hoje em dia apresenta algumas dificuldades no repertório que trabalhou, nomeadamente de leitura, nalguma técnica mecânica de ambas as mãos, ainda assim com o repertório de acordo com o nível onde se encontra. Contudo, nas aulas, mostra-se um aluno interessado, mostrando alguma técnica adquirida, alguma musicalidade e participando sempre que possível nalguma temática abordada na aula.

Aluno C

Este aluno tem 10 anos de idade e frequenta o 1º Grau no regime articulado do curso de guitarra.

Apesar do seu percurso musical, enquanto estudante, ter sido iniciado no presente ano letivo 2013/2014, é um aluno que apresenta bastantes facilidades, no que diz respeito à musicalidade e à expressividade das peças que trabalhou durante este ano, notando-se a

facilidades de leitura das peças assim como na técnica, coordenação das mãos e dinâmicas que consegue apresentar. Tem-se apresentado em audições escolares várias vezes a solo e em duo, sendo notório a sua evolução. É um aluno que aparenta ser bastante motivado, participando nas atividades que lhe são propostas.

Aluno D

Este aluno tem 10 anos de idade e frequenta o 1º Grau no regime articulado do curso de guitarra.

Começou a estudar o seu instrumento no presente ano letivo 2013/2014. Desde o início do ano demonstrou interesse pela guitarra. Embora, tenha sido um aluno que não teve uma base preparatória, devido ao fato de ter começado logo no primeiro grau, foi um aluno que não sentiu grande dificuldade em adaptar-se ao nível onde se encontra. Apresenta uma boa postura enquanto guitarrista, consegue extrair um som razoável do instrumento, o posicionamento de ambas as mãos poderia ser um pouco melhorado. Mostrou um melhoramento de motivação durante a intervenção.

É um aluno que participou em várias atividades, nomeadamente, audições escolares, master classes, atividades extracurriculares. Demonstra ser um aluno bastante empenhado e em constante evolução.

Aluno E

Este aluno tem 10 anos de idade e frequenta o 1º Grau no regime articulado do curso de guitarra.

Tal como o aluno anterior, iniciou os seus estudos musicais neste ano letivo 2013/2014. Mostrou, inicialmente, alguma dificuldade em adaptar-se, devido ao facto de não ter tido uma base preparatória anteriormente ao 1º grau. Mas, logo no segundo período, conseguiu chegar ao nível pretendido, embora ainda com algumas dificuldades a nível de

postura, de som que extrai da guitarra e de leitura. No entanto, não é um aluno que apresente um baixo nível de aproveitamento escolar, mas sim, um aluno intermédio que facilmente conseguirá, com algum estudo contínuo em casa, superar as suas dificuldades.

Aluno F

Este aluno tem 11 anos de idade e frequenta o 2º Grau no regime articulado do curso de guitarra.

Iniciou os seus estudos musicais no ano letivo 2012/2013, para o regime preparatório. Desde o seu primeiro contacto com o instrumento, demonstrou um enorme gosto e dedicação na sua execução e desenvolvimento técnico, tendo chegado ao 1º Grau já com um bom nível.

Atualmente, apesar de estar a frequentar o 2º grau, apresenta capacidades bem mais avançadas para o grau onde se encontra, sendo-lhe possível prosseguir os seus estudos, sem qualquer dificuldade, desde que continue a empenhar-se como tem demonstrado nos últimos anos.

Aluno G

Este aluno tem 12 anos de idade e frequenta o 3º Grau no regime articulado do curso de guitarra.

Iniciou os seus estudos musicais diretamente no presente ano letivo 2011/2012. Logo desde o seu contacto com a guitarra, demonstrou sempre algumas dificuldades de técnica e de leitura. Contudo, é um aluno que demonstra algum interesse, estando sempre atento e participativo durante as aulas, apesar de ser um aluno bastante tímido, o que por vezes pode fazer com que não faça questões ou esclareça algumas dúvidas que possa ter e dificultar a sua aprendizagem escolar.

Durante este ano participou em várias atividades extracurriculares, mostrando sempre uma prestação razoável em audições e master classes.

Aluno H

Este aluno tem 12 anos de idade e frequenta o 3º Grau no regime articulado do curso de guitarra.

O seu primeiro contacto com a guitarra foi no ano letivo 2011/2012 para o 1º grau do regime articulado da Escola Orfeão de Leiria. Desde o começo da sua aprendizagem, mostrou sempre interesse e gosto em aprender a tocar guitarra.

Atualmente, no 3º grau, é um aluno que está a estudar o repertório para o grau onde se insere, mantendo um nível adequado. Estudioso e empenhado, desempenha com eficácia toda a qualidade de execução do seu instrumento assim como a sua leitura.

Tem participado nas atividades propostas onde se tem apresentado com algum realce, perante os seus colegas, também eles no mesmo nível.

Música de Câmara

Ensemble Concertante de Guitarras do OLCA teve início em finais de 2003, com a chegada do professor José Mesquita Lopes ao Orfeão de Leiria/Conservatório de Artes.

Este grupo já atuou em vários locais do país, tais como em Lisboa (Concertos nos Jerónimos – 2003 e 2004), nos Concertos Sonata em 2005, organizados pela Academia de Amadores de Música, em Tomar nos I e II Encontros Nacionais de Orquestras de Guitarra – 2005 e 2006, na Casa da Música em 2006, em Pombal, na Batalha, em Leiria nos Concertos de Outono de 2009, nos Concertos de Natal na Igreja dos Franciscanos, nos Concertos 24h Non Stop, Concertos da Primavera, entre outros. Desde 2008 tem atuado no Festival Internacional de Guitarra de Leiria. Em 2009 atuou em vários locais de Leiria e Vendas Novas. Em 2010 apresentou-se, nos Concertos “Há Música na Cidade” e nos “Concertos com História”.

Gravou um vídeo em 2011 para o projeto promovido pelo Jornal de Leiria “20 anos, 20 músicas” em comemoração da oficialização da EMOL. Em diversas ocasiões atuou em conjunto com o Ensemble de Guitarras do CMDD (Odivelas), formando a Orquestra D. Dinis. Desde o

início tem atuado também com diversos solistas, alunos e professores do OLCA (flauta, Oboé, Clarinete, Violino, Contrabaixo, Percussão, Guitarra e Guitarra Elétrica).

Em 2004 obteve o 1º prémio – nível B em Música de Câmara no Concurso Jovens Talentos da Escola de Música do Orfeão de Leiria. Em 2007 e 2009 obteve também o 1º prémio – nível A, neste mesmo concurso. Este grupo estreou as obras *O Professor*, de José Mesquita Lopes em Maio de 2005 e *O Futebolista* em Junho de 2008, na estreia do Bailado “Eu Quero Ser...”. O Ensemble Concertante gravou obras de Celso Machado, F. Moreno Torroba e José Mesquita Lopes para dois CDs “O Orfeão no seu Melhor”. Este ano atuou, entre outros, nos “Concertos nas Freguesias” em Parceiros e na Fnac do Leiria Shopping.

Atualmente, é uma Orquestra de Guitarras formado por 9 alunos do Orfeão de Leiria – Escola de Artes. É constituída por rapazes e raparigas de diferentes graus/níveis com idades compreendidas entre os 15 e os 29 anos. A direção/Maestro da orquestra conta com a presença do professor doutor José Mesquita Lopes em que numa grande parte dos casos, as obras trabalhadas são da autoria do próprio Maestro.

São alunos, na generalidade, com nível de performance empenhados no estudo do instrumento, se bem que em algumas aulas, torna-se difícil trabalhar com eles, sobretudo com alguns alunos que frequentam os Cursos Profissionais de música. Isto, derivado ao facto desses alunos terem iniciado o seu percurso musical oficialmente, já numa fase tardia, ou seja, no 10º ano de escolaridade e, como consequência disso, são sujeitos a estudar obras de um nível superior às suas capacidades motoras, têm falta de estudo regular e alguns comportamentos menos próprios durante o decorrer das aulas.

Os alunos da orquestra de guitarras participaram em várias atividades realizadas durante este ano letivo, nomeadamente concertos, audições, intercâmbios e master classes. Ao longo do ano letivo, estes alunos demonstraram um aumento significativo de motivação, apresentando um aumento de qualidade quer a nível de estudo como de carácter enquanto alunos.

Tabela 1: Número de alunos em função do nível e do gênero (M, F)

Escolaridade\sexo	Feminino	Masculino	TOTAL
1º grau	0	4	4
2º grau	0	1	1
3º grau	1	1	2
4º grau	0	0	0
5º grau	0	0	0
6º grau	1	1	2
7º grau	1	2	3
8º grau	1	0	1
Curso Profissional	0	3	3
TOTAL	4 (25%)	12 (75%)	16 (100%)

2. Plano de Intervenção

2.1. Objetivos

Este projeto vai ao encontro de uma possível transmutação motivacional dos alunos. Elaborando atividades musicais extracurriculares para que estes participem, que posteriormente, após a sua realização se irá constatar se existe algum tipo de alteração de comportamento no que diz respeito às suas motivações e sucessos escolares.

Numa primeira fase, procurou-se saber, qual o tipo e o grau de motivação presente nos alunos, quantas atividades extracurriculares os alunos tem o hábito de frequentar durante um ano letivo e, se alguma está relacionada com a música.

Cada aluno irá ter um tipo de motivação distinto numa fase inicial, assim como, irá apresentar diferentes tipos de comportamentos motivacionais na fase final. Para além disso, teremos que ter em conta que cada aluno poderá ser motivado de forma diferente, neste caso, a partir de atividades extracurriculares diferentes, (Röhrich, 2012). Nesse sentido, pretende-se saber, também, qual o tipo de atividade extracurricular é que pode estimular mais ou menos esse comportamento e de que forma se pode aplicar. Cada atividade irá trazer um estímulo diferente a cada aluno.

Também irá fazer parte do objetivo deste estudo, procurar saber se houver, de facto, algum tipo de alteração motivacional nos alunos, após a realização das atividades musicais extracurriculares, se na realidade foi causado por alguma atividade exercida, ou se foi por puro acaso que foi notório essa alteração comportamental por parte de qualquer aluno. Dentro da mesma linha de pensamento, tentar-se-á averiguar se, pelo fato dos alunos se envolverem de uma forma mais próxima com a realidade, ou seja, num contexto mais alargado que a própria escola, os mesmos poderão aplicar-se mais no estudo da guitarra e envolver-se com mais regularidade com o seu instrumento e, daí, obter-se maior sucesso escolar.

Portanto, este projeto está desenvolvido para a possibilidade dos alunos estabelecerem possíveis padrões de aprendizagem, para além do que já está estabelecido nas escolas, fazendo com que o contato com a realidade lhes forneça mais interesse pela música e mais motivação em estudar o instrumento.

Não obstante de toda a metodologia já usada hoje em dia no ensinamento vocacional do instrumento, pretende-se apenas alargar o âmbito do ensino instrumental de guitarra, para que fora dela permita aos alunos a descoberta de novos horizontes, novas realidades, de novos objetivos de vida e de novos estímulos para que possam, pelo menos, durante o seu percurso musical numa escola de música sentirem que, de facto, aprendem algo de importante para o seu desenvolvimento pessoal e interpessoal.

Portanto, pretende-se que este estudo levante ou até mesmo responda a estas questões:

- A participação em atividades musicais extracurriculares como estratégia impulsionadoras para o estudo do instrumento será viável?
- Quais serão as atividades musicais extracurriculares que poderão contribuir significativamente para um aumento motivacional nos alunos?
- Será possível implementar este método nas escolas que desenvolvam cursos vocacionais de música?

2.2. Recolha de dados

Todo o processo de intervenção é fundamentado e avaliado, de acordo com toda a informação recolhida, presente nos materiais e processos de recolha, para esse fim. É essencial, que todos esses materiais de recolha de dados, sejam examinados de forma correta para que no final, sejam apresentados dados concretos relativamente à intervenção desenvolvida.

Assim, foram utilizados três tipos de ferramentas principais para recolha de dados:

- Câmara de filmar/fotografar para registo audiovisual das performances durante a participação dos alunos no decorrer das várias atividades musicais extracurriculares, nomeadamente, audições intercâmbio e concerto.
- Inquéritos direcionados aos alunos e para o professor cooperante. Estes servem para recolha de informação sobre o grau de motivação, antes e após a realização das atividades extracurriculares e, para registo de dados sobre o grau de motivação dos alunos antes e após intervenção, respetivamente;
- Entrevista ao professor cooperante para registo de informação sobre o balanço final relativo de todas as intervenções realizadas durante todo o período de estágio;

Para além das referidas ferramentas de recolha de dados, também foi desenvolvido um inquérito on-line (Google), direcionado a todos docentes de guitarra clássica de várias instituições de ensino oficial, para análise de informação geral sobre as práticas de implementação de atividades musicais extracurriculares nas escolas em Portugal.

2.3. Estratégias

Como estratégias de intervenção para este projeto, tiveram-se em conta os seguintes aspetos essenciais:

1. Perfil sociodemográfico dos alunos;

2. Hábitos de prática de atividades musicais extracurriculares por parte dos alunos;
3. Hábitos de elaboração de atividades musicais extracurriculares por parte do professor cooperante;
4. Elaboração de atividades musicais extracurriculares para os alunos;
5. Análise do grau motivacional dos alunos, ante e pós prática de atividades musicais extracurriculares.
6. Visão geral do professor cooperante em relação ao grau motivacional dos alunos, ante e pós a realização das atividades.

Seguidamente, irá ser apresentado todos os materiais de recolha de dados tendo em conta os aspetos essenciais referidos anteriormente.

2.4. Materiais específicos

Os inquéritos (anexos A e B) foram desenvolvidos especificamente para este estudo, tendo em conta alguns exemplos, em estudos realizados anteriormente, com base na literatura existente na bibliografia. Neste estudo foram elaborados quatro inquéritos. Dois deles foram ministrados e divididos pelos alunos participantes e ao professor cooperante antes do início da intervenção pedagógica; os restantes também foram fornecidos aos mesmos, mas, no final de toda a intervenção pedagógica, ou seja, após a realização das atividades musicais extracurriculares. São questionários quase idênticos, no ponto de vista estrutural e nos tipos de questões presentes, em que cada um engloba vários tipos de características. Isto é, cada tipo de inquérito apresenta questões sociodemográficas, questões sobre atividades extracurriculares e questões sobre motivação escolar. Também foi realizado particularmente para este estudo, uma entrevista ao professor cooperante a fim verificar se, na sua opinião, ouve ou não, uma presença significativa de alteração motivacional nos seus alunos no final do estágio.

2.4.1. Inquéritos ministrados aos alunos

As questões sociodemográficas têm como objetivo auxiliar na caracterização dos participantes, fornecendo informações tais como, a idade, gênero, nível/grau em que se encontram, avaliação em determinados períodos. Embora estas questões não sejam consideradas como principais ou mais importantes, tomou-se a liberdade, de as considerar como providência e também para obtenção de informação adicional.

As questões sobre atividades extracurriculares ajudam a obter informação sobre estas, nomeadamente se já participou em atividades extracurriculares bem como a sua qualidade e quantidade, quais são as atividades extracurriculares que prefere ou não, explicando porquê, indicando por ordem a sua preferência; quais foram as atividades de que gostaram mais e menos de participar, indicando a sua ordem de preferência. São questões apresentadas com respostas abertas e fechadas.

As questões sobre motivação escolar consideram-se, provavelmente, como as questões principais deste projeto, já que o objetivo deste estudo é uma possível verificação de uma alteração comportamental nos alunos, que apresentem características motivacionais. Foram administradas questões de motivação escolar, sobre qual o grau de motivação antes e após a realização das atividades musicais extracurriculares, pedindo aos alunos que, numa escala de 1 a 5, indicassem qual o seu grau de motivação naquele momento. Se estavam mais motivados devido à participação nas atividades realizadas, explicando o seu porquê; se estão motivados e interessados a continuar os seus estudos musicais nos próximos anos, ou até mesmo, prosseguir para o ensino superior de música.

2.4.2. Inquéritos ministrados ao professor cooperante

Os inquéritos administrados ao professor cooperante, tal como os inquéritos direcionados aos seus alunos, têm igualmente, questões com características sociodemográficas, questões sobre atividades extracurriculares e questões sobre a motivação.

Embora seja uma informação pouco relevante para este estudo, as questões sociodemográficas ajudam a fornecer informação sobre o perfil do professor, particularmente a sua idade, o tempo de serviço, quantos níveis de escolaridade ensina e quantos alunos leciona na respetiva escola.

As questões sobre atividades extracurriculares, fornecem informação sobre qual o hábito de promover atividades musicais extracurriculares aos alunos, assim como a qualidade e a quantidade de vezes que as promove durante um ano letivo, atribuindo um grau de importância a cada uma delas relativamente à sua importância e perante o desenvolvimento e envolvimento dos alunos.

As questões sobre motivação escolar procuram saber qual o grau motivacional dos seus próprios alunos. É solicitado a indicação, antes e após a realização das atividades extracurriculares, do grau motivacional dos mesmos, numa escala de 1 a 5, bem com a indicação de quais as atividades que podem ser considerados fatores importantes para tal. Por fim, é pedido a indicação dos alunos que, provavelmente, deverão seguir os estudos para um nível superior.

Como referido anteriormente, o questionário direcionado aos alunos e o questionário dirigido ao professor, têm características muito semelhantes, relativamente ao tipo de questões mencionados. Isto, para avaliar, na fase final, se existe ou não alguma discrepância com a visão do professor em relação aos alunos e à realidade das opiniões dos mesmos.

2.4.3. Entrevista realizada ao professor cooperante

Relativamente à entrevista realizada ao professor cooperante, serviu para fazer um balanço final a toda a intervenção pedagógica realizada durante o estágio. Tem como principal papel, facilitar o entendimento dos resultados obtidos nos inquéritos assim como entender o que foi possível extrair, positivamente, dos alunos através da realização das atividades musicais extracurriculares. Através das várias respostas abertas que se obtiveram na entrevista, foi possível ter uma visão geral de tudo o que as atividades extracurriculares proporcionaram aos

alunos e, por sua vez, tudo o que eles conseguiram proporcionar a eles próprios no ponto de vista motivacional e intelectual.

Capítulo II

3. Enquadramento teórico/justificação do estudo

Neste capítulo irá ser feita uma breve descrição teórica para poder enquadrar este estudo, fazendo referência a vários autores que tiveram como base de estudo, temáticas idênticas à presente investigação. Assim sendo, a presente investigação fundamentou-se, em todos os estudos já realizados noutros contextos e várias teorias de inúmeros autores consultados.

Porém, irão ser apresentados alguns conceitos teóricos que não irão ser vastamente estudados ou desenvolvidos, contudo, achou-se conveniente expô-los para melhor contextualizar este estudo.

3.1. Conceito de motivação

A palavra *motivação* deriva do latim *motivus, movere*, que significa *mover*. O seu sentido de origem, tem como principal fundamento, o processo pelo qual o comportamento humano é incentivado, estimulado ou excitado por alguma razão ou motivo (Maximiano, 2004).

O conceito *motivação*, é já há muito tempo uma variável que visa estudar o comportamento humano. É uma das maiores e mais importantes fontes, que pode explicar tudo aquilo que o homem faz (Martinelli e Bartholomeu, 2007). Segundo Vernon (1973) citado por Martinelli e Bartholomeu, (2007) a motivação é uma força interna que emerge, regulariza e sustenta todas as nossas ações.

Segundo Jesus (2004), citado por Simão (2005), o homem procurou sempre saber e conhecer o seu próprio comportamento desde a sua existência. A curiosidade e a procura de previsões comportamentais são tão antigas como a sua própria existência.

O conceito de motivação, na psicologia, é algo fundamental. Contudo, é utilizada e diferenciada por parte de duas entidades:

- 1- Segundo Heckhausen (1991) citado por Simão (2005), é utilizado pelo senso comum de uma forma vulgar sendo, nalgumas ocasiões, confundida com a noção de motivo, intenção, desejo e expectativa.
- 2- O conceito/termo “motivação” é utilizado em diversas propriedades e, vagamente de forma ambígua por inúmeras teorias em psicologia, tendo cada uma delas diferentes significados, (Mook, 1987, citado por Simão, 2005). Ou seja, segundo Cofer (1972) citado por Todorov e Moreira (2005, p.123), “A psicologia tende a limitar a palavra *motivação* aos fatores envolvidos em processos de energia, e a incluir outros fatores na determinação do comportamento”.

Todorov e Moreira (2005, pp.122-123) apresentam inúmeros autores que caracterizam diferentemente o conceito *motivação*. Cada autor aborda este conceito de forma diferente e, muitas vezes, de forma contraditória. Estão realçados os seguintes:

“Um motivo é uma necessidade ou desejo acoplado com a intenção de atingir um objetivo apropriado” (Krench e Crutchfield, 1959, p. 272, apud Todorov e Moreira, 2005).

“Oenergizador do comportamento” (Lewis, 1963, p. 560, apud Todorov e Moreira, 2005).

“Pode-se falar em uma teoria da motivação e significar uma concepção coerente dos determinantes contemporâneos da direção, do vigor e da persistência da ação”. (Atkinson, 1964, p. 274, apud Todorov e Moreira, 2005).

“Motivação: o termo geral que descreve o comportamento regulado por necessidade e instinto Com respeito a objetivos”. (Deese, 1964, p. 404, apud Todorov e Moreira, 2005).

“Os motivos são concebidos... como forças que são moldadas pela experiência”. (Dweck, 1999, p. 134, apud Todorov e Moreira, 2005).

“A questão da motivação é a questão 'por que' formulada no contexto do comportamento. Interrogações desse teor podem ser feitas indefinidamente e limitamos o âmbito de nossas respostas ao que delineamos, com certa precisão, como a disciplina da psicologia”. (Evans, 1976, p. 23, apud Todorov e Moreira, 2005).

“O estudo da motivação é a investigação das influências sobre a ativação, força e direção do comportamento”. (Arkes e Garske, 1977, p. 3, apud Todorov e Moreira, 2005).

“Sempre que sentimos um desejo ou necessidade de algo, estamos em um estado de motivação. Motivação é um sentimento interno é um impulso que alguém tem de fazer alguma coisa”. (Rogers, Ludington e Graham, 1997, p. 2, apud Todorov e Moreira, 2005).

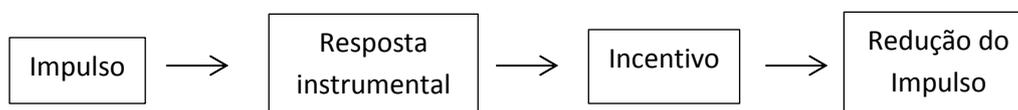
Este conceito tem vindo a ser debatido de várias formas. Cada autor do seu lado têm ideias muito parecidas mas, ao mesmo tempo, muito diferentes, fazendo com que haja muita confusão e discrepância à cerca desta temática. Apesar do autor referir que esta irregularidade conceitual pode ser devido à cronologia em que cada citação foi feita, a “miscelânea” de conceitos faz com que haja, não, um grande conhecimento sobre a motivação, mas sim, a falta dele, isto é, falta de evolução. Ou seja, o autor afirma que o conceito de motivação é definido de inúmeras maneiras, fazendo com que este não assuma características únicas, ou menos diversificadas; contudo, se o conceito de motivação fosse ainda mais desenvolvido cientificamente, ou seja, se houvesse um consenso entre todos os autores que tentam atribuir um significado a ele, poderia ter um valor menos distinto adotando então, um só e único significado.

Seguindo esta linha de pensamento, nota-se que a ciência ainda está longe de descobrir e explorar a palavra *motivação*, em consequência de que, a mesma evolui dos erros, não da confusão (Skinner, 1953, citado por Todorov e Moreira, 2005, p.123).

Segundo Michel, (s/data) citado por Cunha, (2013) a motivação está relacionada com as ciências Humanas. Já no contexto da Psicologia, toma conta de várias áreas específicas tais como a Psicologia Experimental, Psicologia do Comportamento, Psicologia escolar, Psicopatologia, entre outras. Desta forma, como foi referido anteriormente, são várias as possibilidades de definição deste conceito; muitas áreas de estudo estão em constante análise e observação, para descobrir uma das mais difíceis e vastas teorias relativamente às ações humanas, a fim de fundamentar e compreender as escolhas dele, com o objetivo de as prever e controlar.

Existem autores que referem que existe uma sequência motivacional (Figura 4), sobretudo para impulsos fisiológicos, como por exemplo a sede, fome, sono, etc. (Kendler, 1974, apud Cunha, 2013):

Figura 4: Sequência motivacional



O autor considera que o **impulso** é um desejo/estado, que faz ativar um comportamento, enquanto o **incentivo** ou meta é o estado que permite diminuir o impulso. Realça, no entanto, que para se atingir a meta, é necessário primeiro obter uma **resposta instrumental** (ação/comportamento) que permite reduzir o impulso (**redução do impulso**). Por exemplo, para satisfazer a sede temos que desenvolver uma ação, preparar a água e bebê-la. Neste sentido, o Impulso é a sede, a resposta instrumental é a preparação do líquido para ingerir, o incentivo é beber, que por sua vez reduz a sede (impulso). O autor apenas afirma que esta sequência motivacional explica grande parte do comportamento humano, contudo, refere que isto não explica todo o comportamento nem todos os fenómenos psicológicos (Cunha, 2013).

Aplicando este processo motivacional à motivação escolar, é possível verificar que existem, de facto, situações de incentivo semelhante na aprendizagem da vida escolar. O prestígio perante os colegas pode levar um aluno a estudar para satisfazer o seu desejo de prestígio. Como refere Cunha, 2013, o aluno para além dos impulsos externos vai também receber impulsos ambientais, uma vez que o seu desejo (impulso) passa das expectativas das outras pessoas e do meio ambiente que o rodeia. Se um aluno estiver integrado numa turma com baixo rendimento e expectativas, logo, o aluno não irá esforçar-se nem estimular para atingir determinado objetivo. Portanto, “isto mostra que os estímulos externos podem aumentar a intensidade do impulso” (Kendler, 2000, apud Cunha, 2013).

3.2. Motivação intrínseca e extrínseca

“Outro dado de personalidade que pode ajudar a compreender a criatividade individual diz respeito ao tipo de motivação que dirige a pessoa para determinada actividade”. (Sousa, 2012, p40)

A motivação intrínseca e extrínseca têm sido largamente estudadas e em diversas temáticas percebendo-se a diferenciação e a particularidade em cada uma delas. O resultado desses estudos tem, de certa forma revelado informações que permitem aclarar métodos e aspetos por vezes desconhecidos, relacionados às práticas pedagógicas educacionais. Segundo Engemann (2010, p.45), “durante quase três décadas, estes dois tipos distintos de motivação foram foco de interesse dos investigadores e, especialmente no que se refere à motivação intrínseca, mais de 100 estudos foram realizados visando identificar as consequências externas diante de comportamentos intrinsecamente motivados, especialmente quando estes eram recompensados”.

Figueiredo (2011, p. 6) analisou estes dois tipos de motivação concluindo que “embora considerados frequentemente como antagónicos, contribuem para a aprendizagem [...] na medida em que se constituem como um par complementar”, “As razões que condicionam a ação do aprendente podem ter simultaneamente características da motivação intrínseca e extrínseca”.

O tipo de motivação, apesar de depender do tipo de trabalho/atividade que uma pessoa exerce e do contexto em que se insere, é também um fator que diz respeito à própria personalidade, ou seja, independentemente da atividade ou do contexto, existe um tipo de motivação predominante. Contudo, é pouco provável que alguém possua somente um tipo de motivação, seja ela intrínseca ou extrínseca. É mais provável que alguém possua uma sobreposição das duas (Sousa, 2012). Por exemplo, um guitarrista quando executa um concerto musical preocupa-se muito com a sua obra de forma que ela seja interpretada da melhor maneira, no entanto, está simultaneamente preocupado com o reconhecimento que o próprio público e críticos farão da sua performance

A motivação intrínseca tem sido associada diretamente à construção de competência, autodeterminação e autonomia, enquanto a motivação extrínseca articula-se com um comportamento ou desempenho de um indivíduo com vista numa recompensa proporcionada por um agente externo, (Guimarães e Boruchovitch, 2004), (Simão, 2005), (Neves e Boruchovitch, 2004).

3.2.3. Motivação Intrínseca

Segundo Ryan e Deci (2000) citado por Engelmann (2010) e Sousa (2012) a motivação intrínseca está relacionada com uma inclinação natural de uma pessoa em procurar novidades e desafios, bem como no compromisso em obter e exercitar as capacidades dela própria.

[A motivação intrínseca] “Representa uma tendência natural para procurar a novidade, o desafio e para atingir e exercitar as próprias aptidões. Diz respeito ao empenho numa e terminada tarefa por esta ser interessante, envolvente ou, de certa forma, criadora de satisfação.” (Lourenço e Paiva, 2010)

A motivação intrínseca é bastante visível, principalmente “quando um indivíduo realiza determinada atividade simplesmente pelo prazer em realizá-la, de forma desapegada”, (Engelmann, 2010, p.45). As pessoas que estão intrinsecamente motivadas, praticam uma certa atividade porque se sentem bem ao fazê-la independentemente se lhe for atribuído ou não, uma recompensa, (Eccles e Wigfield, 2002, citado por Engelmann, 2010).

Uma pessoa, inicialmente, quando percebe qual o objetivo que quer alcançar, devido à curiosidade de aprofundamento de conhecimentos, tende a definir o seu percurso para finalmente alcançar o objetivo inicialmente previsto.

“O indivíduo “origem” tem fortes sentimentos de causação pessoal e atribui as mudanças produzidas em seu contexto às suas próprias ações. Em decorrência dessa percepção, apresenta comportamento intrinsecamente motivado, fixa metas pessoais, demonstra seus acertos e dificuldades, planeja as ações necessárias para viabilizar seus objetivos e avalia adequadamente seu progresso.” (Guimarães e Boruchovitch, 2004, p.145).

Na visão de Guimarães e Boruchovitch (2004), um indivíduo que apresenta um comportamento intrinsecamente motivado age em sua própria fé, tendo uma vontade própria de alcançar algo.

Deci (1975) citado por Sousa (2012) concluiu que as pessoas dedicavam-se e empenhavam-se mais nas atividades de que gostavam mais, tais como “hobbies” ou certas atividades de lazer, designando esse tipo de motivação como *intrínseca*. Uma vez que é algo que motiva comportamentos e que por sua vez, são fonte de motivação, através do aumento do prazer pessoal e das sensações de competência e controle sobre as suas próprias ações.

Segundo Deci e Ryan (2000) citado por Engelmann (2010), para se estar intrinsecamente motivado, as pessoas necessitam de se sentir competentes e autodeterminadas, contrapondo assim a visão de Skinner (1998) citado por Guimarães e Boruchovitch (2004) afirmando que os comportamentos intrinsecamente motivados são independentes de consequências operacionalmente separadas, porque a realização da atividade é a própria recompensa.

Csikszentmihalyi, (1992), citado por Engelmann, (2010) relaciona a motivação intrínseca ao conceito “fluxo”. Este autor, após ter realizado estudos com diferentes especialistas de várias áreas nomeadamente artistas, músicos, atletas, cirurgiões e outros, com o objetivo de observar como esses profissionais se envolviam e sentiam quando se aprofundavam nas suas atividades. Este concluiu que o “fluxo” é aquele estado mais elevado no qual as pessoas estão tão fortemente envolvidas e fundeadas numa certa atividade que todas as outras deixam automaticamente de ter sentido e importância. Ou seja, a atenção da pessoa está tão direcionada para uma certa atividade, que faz com que haja um elevado grau de satisfação e desafio – sensação de “fluxo”. Neste estado existe uma enorme concentração satisfatória e a realização dessa dada atividade causa uma enorme sensação de prazer. O autor define esta situação psíquica como *experiência de fluxo*, tendo diversas características que podem ser observadas quando vivenciadas. De um modo geral, segundo Engelmann (2010, pp.46,47), “esta sensação causa satisfação e oferece oportunidades significativas para a ação em fluxo, favorecendo, ainda, um constante desenvolvimento das aptidões e habilidades”. “Assim o estado

de “fluxo” poderia ser considerado como uma fonte para a motivação intrínseca”, (Engelmann, 2010, p.47).

Dentro do mesmo contexto, Guimarães (2004), realça que quando uma pessoa se envolve numa atividade por razões intrínsecas, a satisfação autogera-se, isto é, quanto mais pratica essa atividade mais vontade tem de a continuar a praticar por razões intrínsecas. Para além disso, estudos revelam com firmeza que a motivação intrínseca colabora para que a aprendizagem seja feita com um melhor desempenho.

Os alunos que se envolvem em atividades que ajudem a descobrir ou a realçar as suas aptidões durante a sua aprendizagem, fazem com que este se motive intrinsecamente mostrando resultados ainda mais positivos.

“[...]o envolvimento do aluno em atividades que propiciam aprimoramento de suas habilidades, auxilia na focalização da atenção às instruções apresentadas pelo professor, incentiva busca constante de novas informações e o estabelecimento de relações entre conhecimentos adquiridos recentemente com conhecimentos anteriores, caracteriza um comportamento motivado intrinsecamente o qual [...] relaciona-se com resultados positivos de desempenho e de aprendizagem”. (Engelmann, 2010, p.48).

Assim, a prática de atividades faz com que os alunos se integrem de uma forma mais envolvente, relacionando positivamente, essa atividade com a sua aprendizagem.

3.2.4. Motivação Extrínseca

Já as pessoas extrinsecamente motivadas apresentam outro tipo de comportamento. Em oposição à imagem dum artista intrinsecamente motivado, surge, por exemplo um homem de negócios, inteiramente dedicado ao dinheiro e ao estatuto social, cuja motivação e o empenho

dedicado na sua atividade profissional deriva de uma recompensa que não tem a ver com a atividade em si, mas sim com fatores externos tais como a “competição, a recompensa, o reconhecimento ou o juízo de outras pessoas. Este tipo de motivação recebe a designação de *extrínseca*”. (Sousa, 2012, p. 41). Seguindo o mesmo ponto de vista, Figueiredo (2011, p. 6) refere que “contrariamente à motivação intrínseca, a motivação extrínseca é caracterizada como um tipo de motivação que se rege por razões de foro exterior”.

A maior parte dos alunos, foram inicialmente, nos seus primeiros anos de estudo, motivados extrinsecamente. Todos eles levam na bagagem, uma longa história de motivação, predominantemente, extrínseca, nos seus inícios enquanto estudantes. (Locatelli, Bzuneck, e Guimarães, 2007). Lens *et al.* (2002) citado por Locatelli *et al.* (2007), avaliam que nalguns casos, em que a motivação extrínseca está presente, pode ser devido às metas futuras que os alunos poderão atingir e, não, pelo próprio estudo e escolarização em si.

“A motivação extrínseca se configura quando a atividade não é exercida como um fim em si mesmo, mas por razões externas a ela, como notas, recompensas, evitar punições, conseguir benefícios futuros etc”. (Locatelli, Bzuneck, e Guimarães, 2007).

De uma maneira geral quando alguém está motivado extrinsecamente, executa determinada atividade, não pela atividade em si, mas por razões externas a ela. Por exemplo quando alguém faz determinado trabalho preocupando-se somente com o vencimento no final do mês e não, com o objetivo de fazer um trabalho de uma forma correta.

3.3. Amotivação

A *amotivação*, segundo Ryan e Deci (2000), está relacionada com a falta e a ausência total de motivação, ou seja, a ausência de determinação para realizar determinada atividade. A atividade não irá trazer benefícios ou o individuo não a realizará com satisfação (Brière, Vallerand, Blais e Pelletier, 1995, apud Cunha, 2013).

3.4. Autonomia

A autonomia significa a capacidade de se autogovernar por si mesmo, de se guiar por suas próprias leis, e segundo a teoria da autodeterminação, o conceito autonomia “é vinculada ao desejo ou a vontade do organismo de organizar a experiência e o próprio comportamento e para integrá-los ao sentido do *self*” (Guimarães e Boruchovitch, 2004, p. 145). As atividades autodeterminadas são atividades executadas de forma espontânea por pessoas que se sentem livres para seguir os seus próprios interesses internos a fim de chegar às suas metas (Ryan e Deci, 2000).

3.5. *Continuum* de Autodeterminação

O *continuum* de Autodeterminação foi proposto por Deci e Ryan (1985, 2002), citado por Engelmann (2010) e Lourenço e Paiva (2010), com o objetivo de compreender de um modo geral, quais os processos motivacionais por onde uma pessoa passa deste um comportamento totalmente desmotivado, passando pela motivação extrínseca, até apresentar um comportamento intrinsecamente motivado. Chamaram-lhe a Teoria da Autodeterminação (TA).

Segundo Deci e Ryan (1985) citado por Lourenço e Paiva (2010), a TA revela três necessidades psicológicas muito próprias à motivação intrínseca. Segundo eles, são três necessidades que deverão fazer parte dum sujeito para ter um comportamento autodeterminado completo:

- 1- A necessidade de autonomia;
- 2- A necessidade de competência;
- 3- A necessidade pertencer ou de estabelecer vínculos;

A necessidade de **autonomia** está ligada com a aptidão de a pessoa se autogovernar; a capacidade de se orientar por regras próprias, de modo igual como ter competência de liberdade/independência moral e intelectual. Neste sentido, as pessoas realizam uma determinada atividade, porque acreditam que a fazem por vontade própria e não por serem forçados por fatores externos. Ou seja, apresentam um comportamento intrinsecamente motivado, fixam metas pessoais, define os seus limites, planifica os atos necessários para

realizar seus objetivos, avaliando exatamente o seu progresso e evolução (Deci e Ryan, 1985, apud Lourenço e Paiva, 2010).

A necessidade de **competência**, para além de ser fulcral à motivação intrínseca, tem uma aparência motivacional que orienta e tende a pessoa para caminhos de domínio. Como já foi referido anteriormente, a sensação de execução de uma determinada atividade, estimuladora de forma controlada, fazem com que a pessoa sinta emoções positivas, às quais, segundo White (1975) citado por Lourenço e Paiva (2010), que nos seus trabalhos, foi uma temática usada como pilar, denominou *sentimento de eficácia*.

No que diz respeito à necessidade de **pertencer** ou de **estabelecer vínculos**, o autor fala na necessidade de estabelecer laços emocionais interpessoais. Baumeister e Leary (1995) citado por Lourenço e Paiva (2010), considera-a como uma necessidade universal que pode ser aplicada em inúmeras situações e pode também influenciar padrões emocionais e cognitivos. Neste ponto de vista, todas as pessoas seriam estimulados em manter fortes ligações e relacionamentos interpessoais positivos de uma forma equilibrados, com a consequência de que quando essas relações são destabilizadas ou até mesmo quebradas, criam fortes lesões emocionais e no bem-estar da pessoa.

O estudo realizado por eles, possibilita a identificação de quatro tipos de motivação extrínseca, em que o seu grau de autodeterminação apresenta diversas variações ao longo do processo de automotivação.

Na tabela 2, estão representados todo o processo anteriormente referido. Inicialmente a desmotivação (ausência de intenção de agir), de seguida, mostra os quatro tipos de motivação extrínseca até, finalmente chegar à motivação intrínseca. Este é todo o processo chamado de *continuum* de autodeterminação. Durante o processo de motivação extrínseca, é possível visualizar que a autodeterminação aumenta de modo progressivo até atingir o comportamento autodeterminado (Motivação intrínseca). É um processo lógico, segundo os autores, que acontece às pessoas quando ficam motivadas para a execução de uma dada atividade.

Tabela 2: Processo de automotivação

Comportamento	Ausência de determinação 					Autodeterminado
Motivação	Ausência de motivação (<i>Amotivação</i>)	Motivação Extrínseca				Motivação Intrínseca
Estilos reguladores	Sem regulação	Regulação Externa	Regulação introjetada	Regulação identificada	Regulação integrada	Regulação intrínseca
Locus de causalidade	Impessoal	Externo	Algo externo	Algo interno	Interno	Interno
Processos reguladores	Ausência de intenção, desvalorização, falta de controle	Submissão, recompensas externas e punições	Autocontrole ego-envolvimento, recompensas internas e punições	Importância pessoal, valorização consciente	Concordância, consciência, síntese com o <i>eu</i>	Interesse prazer e satisfação inerente

“Características de serem próximas e desafiadoras, seguidas do competente *feedback*, têm o potencial de fazer o aluno chegar a valorizar as aprendizagens escolares, atingindo eventualmente o nível da motivação intrínseca, motivação extrínseca auto-regulada ou da orientação prevalente à meta de realização aprender”. (Locatelli, Bzuneck, & Guimarães, 2007, p.275).

4. A influência da motivação do professor sobre motivação do aluno

A motivação intrínseca do aluno não é obtida com treino ou com aulas, ou seja, não é algo que se possa implementar de forma radical. Contudo, pode ser influenciada principalmente, pela motivação do professor, pela forma que este tem de lecionar. Se um professor lecionar de

uma forma, notoriamente, motivada, irá refletir-se nos alunos. Geralmente, um professor motivado contribui, de certa forma para uma maior motivação dos alunos. (Guimarães e Boruchovitch, 2004).

De acordo com Reeve (1998), citado por Guimarães e Boruchovitch (2004) o estilo motivacional do professor reflete a crença e a confiança do mesmo em determinadas estratégias de ensino e de motivação, personalidade oposta ao professor com uma personalidade de autocontrole ou autoritária. Segundo o autor, este estilo motivacional é necessário ter em conta “a perspectiva da outra pessoa, reconhecer seus sentimentos, usar linguagem não-controladora, oferecer informações importantes para tomadas de decisão, entre outras” (Guimarães e Boruchovitch, 2004, p.147).

O estilo motivacional do professor é considerado uma característica pessoal mas pode ser frágil perante alguns fatores sócio contextuais, ou seja, o tempo de experiência enquanto docente, o número de alunos na sala de aula, o gênero, a idade, as interações com a direção da escola, as concepções ideológicas, entre outros, podem, de certa forma, não beneficiar esse estilo motivacional, levando professores a alterar o seu estilo motivacional para autoritário (Guimarães e Boruchovitch, 2004). Segundo Reeve (1998) citado por Cunha (2013, p.21) “O estilo motivacional [...] é a convicção do professor relativamente às estratégias de ensino e de motivação utilizadas”.

Vários estudos foram realizados na medida de encontrar resultados motivacionais diferentes nos alunos com professores com estilos motivacionais extremamente controlador e extremamente impulsionador de autonomia. Os autores destes estudos referem que os alunos que se relacionam com professores impulsionador de autonomia ficam intrinsecamente mais motivados e apresentam um maior grau de autoestima, do que aqueles alunos que têm um relacionamento com professores com estilo motivacional controlador (Deci, Schwartz, Sheinman e Ryan, 1981, apud Cunha, 2013). O estilo motivacional de lecionar de um professor vai-se refletir nos alunos. Estes terão um bom nível de satisfação em relação à aprendizagem, assim sendo “a autonomia dos professores está positivamente relacionada com uma maior satisfação dos alunos com a aprendizagem” (Pierro, Presaghi, Higgins, e Kruglanski, 2009, citado por Cunha, 2013).

5. Estratégias, métodos e fatores que influenciam a motivação escolar

No estágio realizado, apesar de ter como ferramenta principal de motivação dos alunos as atividades extracurriculares, questionou-se, sobretudo o que poderia também ser importante no geral para motivá-los. De acordo com a bibliografia lida, procurou-se sempre usá-la como apoio, de forma a ter um bom desempenho e relacionamento entre professores/alunos, assim como, de certa forma estimulá-los positivamente nas tarefas realizadas. Achou-se oportuno apresentar, então, alguns fatores mais importantes que, de certa maneira, foram tidos em conta durante o estágio.

Alguns professores têm tido dificuldade em motivar alunos. Contudo, vários estudos têm sido feitos na medida de encontrar estratégias e métodos para facilitar o desempenho do professor e para estabelecer melhores comportamentos por parte dos alunos nas salas de aula, assim como estarem motivados na sua aprendizagem. Portanto, é importante saber quais os fatores que ajudam os alunos a interessarem-se pelas aulas, a estarem atentos, a participarem, a apresentarem comportamentos adequados de forma a obterem melhores resultados escolares.

Dentro do mesmo contexto Zusho e Pintrich (2001), apud Locatelli, Bzuneck, e Guimarães (2007), também refere que bastantes professores e educadores têm tido inúmeras dificuldades no processo de motivação de alunos adolescentes para estudos acadêmicos. Devido às condições contextuais e às características dos próprios alunos nesta faixa etária. Essas pesquisas têm sido bastante desafiadoras para se obter resultados concretos e significativos.

Ainda há poucos anos, o aluno respeitava e olhava para o professor como sendo alguém de competente na área de conhecimentos da disciplina que ensinava, hoje em dia, para o aluno respeitar o professor não basta que ele seja tratado apenas por “senhor doutor” ou “senhor professor”, pondo, por vezes, em causa a competência dele. Devido a isto, o professor tem “vindo a perder poder no que diz respeito à capacidade de gestão da aprendizagem e da disciplina dos alunos” (Jesus, 2008, p.22).

Nesta linha de pensamento, o professor já pode adotar os métodos de ensino que se usava antigamente (tradicionais), mas sim analisar cada turma/aluno e ir ao encontro das necessidades deles preocupando-se de que forma é que os alunos podem aprender (Jesus, 2008).

Neste contexto, é importante saber quais os fatores que podem motivar os alunos, mas também o que é que os deixa influenciar pelo professor (Jesus, 2008). Segundo Jesus (1996), apud Jesus (2008), existem quatro grandes fatores de reconhecimentos que os alunos devem ter, que influenciam os professores sobre eles próprios:

- 1- O reconhecimento do estatuto do professor perante os alunos;
- 2- O reconhecimento pelos alunos da capacidade de gratificar ou de punir do professor através das avaliações e das estratégias de gestão da indisciplina;
- 3- O reconhecimento pelos alunos da competência do professor nos conhecimentos que este lhes pretende ensinar;
- 4- O reconhecimento de certas qualidades pessoais e interpessoais no professor, apreciadas pelos alunos, desenvolvendo-se processos de identificação;

Um aluno motivado tem uma aprendizagem mais envolvente, insistindo em tarefas cada vez mais difíceis, mesmo que tenha um esforço acrescido. Procura ativar e desenvolver novas capacidades mostrando-se encorajado e orgulhoso com os seus resultados (Guimarães e Boruchovitch, 2004).

Quando um professor descobre técnicas para incentivar o aluno, este torna-se mais envolvente na aula e de uma forma motivada. O professor consegue assim, uma aula mais rentável havendo uma maior interação entre os dois.

“As técnicas de incentivo que buscam as causas para o aluno se tornar motivado garantem uma aula mais produtiva por parte do professor, pois ensinar está relacionado com a comunicação” (Lourenço e Paiva, 2010).

Segundo Paiva (2008) citado por Lourenço e Paiva (2010), o ensino para ser rentável, é necessário partir da aprendizagem. Um aluno que seja motivado pelo professor terá mais probabilidades de ter um bom aproveitamento escolar, estando muito mais motivado e empenhado para qualquer atividade que surja. Ele irá ter um vasto leque de emoções que fará com que aprenda a pensar de forma correta, a sentir e a agir. Não existe aprendizagem sem motivação. O aluno só poderá sentir necessidade de aprender se atribuir algum significado ao que foi aprendido e isso só acontece se for uma aprendizagem motivadora em que o professor aja de forma motivante.

Jesus (2008, p.22) apresenta várias frases que podem e devem ser utilizadas para substituir outras menos convenientes, durante as aulas, como estratégia para uma boa aprendizagem. Algumas das frases que o professor pode utilizar para existir uma boa relação são as seguintes:

Tabela 3: Frases que devem de ser usadas VS frases que não devem ser usadas.

Frase que não se deve dizer	Frase de sugestão	Objetivo
“Estou orgulhoso de ti”	“Devias estar orgulhoso dos teus resultados”	No sentido de responsabilizar o aluno pelo seu comportamento, indo ao encontro da sua necessidade de autodeterminação;
“Está quase tudo errado” ou “não fazes nada de jeito” “Não me interrompam, se tiverem dúvidas perguntem no fim”	“Estás quase lá” “Estejam à vontade para perguntar sempre que não compreenderem alguma explicação ou queiram apresentar algum comentário relevante”	No sentido de promover uma perceção de aperfeiçoamento pessoal e o esforço do aluno; No sentido de promover a participação dos alunos e a compreensão e o acompanhamento das explicações do professor;
“Para brincar estás sempre pronto” ou “Tinhas que ser tu”	“Vez como hoje te estás a portar bem?”	No sentido de evidenciar os comportamentos de disciplina dos alunos e não apenas os de indisciplina;

Existem diversas estratégias que os professores podem usar para motivar alunos. Podem ser consideradas comportamentos gerais que os professores poderão ter perante os alunos em sala de aula, tal como afirmam autores tais como Abreu (1996); Carrasco e Baignol (1993); Jesus (1996); Lens e Decruyenaere (1991), segundo comenta Jesus (2008). Foram apenas citados os mais importantes de acordo com o que foi realizado durante o estágio:

- Mostrar entusiasmo pelas atividades realizadas com os alunos, formando um modelo ou exemplo de motivação para eles;
- Explicar o “para quê” das matérias do programa da disciplina que leciona, contextualizando o conteúdo programático do currículo da disciplina com a realidade fora da escola e a relevância que isso pode ter no futuro;
- Deixar os alunos participarem na escolha da matéria e atividades escolares, sempre que possível;
- Criar situações em que os alunos tenham um papel ativo na construção da sua aprendizagem;
- Incentivar diretamente a participação de alunos menos participativos através de responsabilidades que permitam ser bem-sucedidos;
- Ter confiança e otimismo nas capacidades dos alunos para a realização das tarefas escolares, explicando-lhes pessoalmente;
- Aumentar a autoconfiança do aluno de modo que as tarefas sejam bem-sucedidas;

6. A contribuição das atividades extracurriculares para a motivação escolar

“Em poucas palavras, a motivação escolar é afetada pela percepção de instrumentalidade”, (Locatelli, Bzuneck, e Guimarães, 2007, p.269).

A curiosidade e os estudos realizados sobre as atividades extracurriculares não são algo recentes. Existem relatos feitos por alguns autores antes do séc. XX que não eram a favor do seu

desenvolvimento, considerando que estas eram prejudiciais ao progresso dos alunos (Gerber, 1996).

Van Calster, Lens e Nuttin (1987) citado por Locatelli *et al.* (2007), num estudo com 230 alunos com idade entre 17 e 19 anos, concluiu-se que quando os alunos percebem a importância que a escolarização pode trazer para um sucesso futuro, ficam significativamente mais motivados do que aqueles que não atribuem tanta ou nenhuma importância a ela.

As atividades extracurriculares em que os alunos participam ou não, podem estar na resolução da questão do sucesso ou do não sucesso escolar. Estudos indicam que pelo fato de alguns alunos participarem ou não em atividades extracurriculares pode fazer com que haja ou não um aumento de sucesso escolar, em concordância com Moriana, Alós, Alcalá, Pino, Herruzo e Ruiz (2006). As atividades extracurriculares podem fazer com que alunos desenvolvam e descubram competências, desenvolvimentos cognitivos e pessoais com muito mais intensidade. Podem fazer com que adquira competências pessoais, mais inspiração em estudar e um aumento de nível de concentração, (Maria de Lurdes, 2000), (Mahoney, Cairos e Farwer, 2003, citado por Moriana, *et al.*, 2006).

Uma boa aprendizagem escolar, pode ser reflexo de um bom contexto de aprendizagem. O espaço e o contexto da aprendizagem do aluno podem influenciar a sua motivação e o nível de desempenho da aprendizagem.

“A motivação no contexto escolar tem sido avaliada como um determinante crítico do nível e da qualidade da aprendizagem e do desempenho”, (Lourenço e Paiva, 2010).

Neste ponto de vista, as atividades extracurriculares podem muito bem servir de ponto de referência como um espaço e um contexto de aprendizagem.

Porém, alguns autores defendem que os alunos que participam em atividades extracurriculares, são prejudicados no sentido em que deixam de exercer os seus deveres como alunos na escola, correndo o risco do insucesso escolar. Alunos que frequentem outras atividades fora do âmbito escolar, tendem ao não cumprimento dos deveres, poderão não ter tempo para fazer alguns trabalhos de casa e podem mesmo até perder algum interesse pela

própria escola (Camp, 1990, citado por Gerber, 1996). Almeida *et al.*, (2000), citado por Almeida e Nogueira (2002), referem que a prática de atividades extracurriculares, nalguns casos, colocam exigências acrescidas ou exageradas aos alunos, não só ao nível social, uma vez que têm menos possibilidade de estar em contacto com outras pessoas. Podem surgir vários sinais e comportamentos de desadaptação académica.

Na mesma linha de pensamento, Maria de Lourdes (2000), refere os docentes da sua instituição não são todos a favor de algumas atividades extracurriculares. Os alunos que as praticam ficam de tal forma envolvidos nalgumas delas que, por vezes, não cumprem os deveres perante outras disciplinas e essas fendas não são contrapesado por benefícios que as atividades extracurriculares podem trazer.

No entanto, outros autores salientam que as atividades extracurriculares podem, de certa forma, contribuir para um maior sucesso escolar, fazendo com que haja nos alunos um maior grau de motivação, baixo nível de absentismo e resultados escolares significativamente positivos. Os alunos podem, desta forma, valorizar tudo aquilo que numa escola se faz (Marques, 2002, citado por Simão, 2005). Existem várias variáveis que podem conduzir os alunos a terem um bom desenvolvimento psicossocial, onde se inclui evidentemente a sua integração, desenvolvimento e rendimento académico; o envolvimento em atividades extracurriculares pode ser uma forte variável (Astin, 1993, Pascarella, 1985, citado por Almeida e Nogueira, 2002). O autor afirma que os alunos que frequentam atividades extracurriculares “tendem a revelar maiores níveis de sucesso escolar, atingem mais facilmente os seus objetivos académicos, mostram índices superiores de adaptação e satisfação académicas”, (Almeida e Nogueira, 2002, p.332).

Rossi (2006) refere que as atividades extracurriculares musicais despertam a motivação e o entusiasmo nos alunos que as frequentam. A autora diz ainda que a atividade extracurricular musical deveria ser “reconhecida como parte integrante e imprescindível da educação” (Rossi, 2006, p.113). Delors, (1999) também refere que as atividades extracurriculares dão um estímulo especial aos alunos que as frequentam e é uma área que deveria ser utilizada e desenvolvida logo desde a infância. Existe também uma grande tendência em alunos de música escolherem atividades musicais por gostos pessoais. Ao qual estes apresentam níveis mais altos de motivação, sobretudo em atividades em grupo (Hentschke, *et al.* 2009).

Os alunos que participam em projetos musicais fora da escola, envolvem-se com mais dedicação do que se estivesse somente a desenvolver essas mesmas atividades dentro da própria escola.

“Estudantes que aprendem música em projetos sociais, organizações não-governamentais, atividades extracurriculares, entre outros, tendem a atribuir mais interesse, utilidade e importância à atividade musical do que aqueles que somente realizam aula de música no currículo escolar”, (Vilela, 2009, p.6)

Assim, os alunos sentem-se mais motivados só pelo facto de fazerem algo fora do espaço escolar. Sentem-se mais motivados e mais determinados porque “não estão na escola”.

Num estudo feito em vários países tais como México, Israel, Estados Unidos, Hong Kong, Finlândia, Coreia do Sul e Brasil, os professores conhecem perfeitamente as diferenças entre o espaço escolar musical curricular e o espaço musical extracurricular, sabendo distinguir as vantagens e as desvantagens entre cada uma delas, (Vilela, 2009). Ambas fomentam uma determinada motivação, uma vez que “a motivação é sempre automotivação”, (Röhrich, 2012, p.3). Na realidade, não podemos motivar outras pessoas. “Sempre que falamos em motivar outras pessoas, estamos a referir-nos à criação de contextos adequados para que a própria pessoa se possa automotivar” (Röhrich, 2012, p.4).

7. A contribuição do contexto escolar para a Motivação escolar

“Várias pesquisas têm sido realizadas nos últimos anos, por educadores e psicólogos, sobre a motivação do aluno no contexto escolar” (Neves e Boruchovitch, 2004, p. 79)

Literatura e estudos mais recentes apresentam variáveis produzidas por pesquisas, obtendo-se resultados que fornecem algumas pistas de como motivar alunos em geral, chegando a ser estudadas com metas de realização, (Locatelli, Bzuneck e Guimarães, 2007).

A literatura mais recente apresenta as variáveis que as pesquisas têm identificado e que nos fornecem uma melhor compreensão de como motivar alunos em geral.

Segundo Röhrich (2012, p.5) “A Motivação depende do contexto”. A mesma pessoa pode-se motivar dependendo do contexto onde se encontre. A situação contextual de uma determinada atividade pode levar alguém a motivar-se, mas se mudarmos o contexto, pode perder essa motivação. Por exemplo, pode existir alunos que não gostem de participar em audições escolares, mas se os mesmos alunos fizerem a mesma audição mas noutra espaço (outro contexto), podem motivar-se e empenhar-se mais porque irão fazer algo fora do espaço onde habitualmente aprendem (escola), irão fazer uma performance para o público em geral.

Segundo Figueiredo e Afonso, 2005, não se pode motivar pessoas. Segundo o autor, quando se fala em motivar pessoas, está-se a falar na criação de novos contextos para que estas se motivem. O contexto é um dos fatores mais importantes quando se toca na problemática motivacional. Qualquer contexto é extremamente importante e fundamental, para que haja uma aprendizagem considerável. O contexto de uma aprendizagem está presente quando há uma interação dum indivíduo com as suas atividades, com os outros indivíduos e com um determinado espaço. Assim, toda pessoa que interage com outras pessoas, que participa numa certa atividade, está muitas vezes sem se dar conta disso, a aprender algo e, por vezes com mais intensidade e curiosidade do que se fosse somente noutra contexto, por exemplo na sala de aula

Segundo Berns e Erickson (2001), a aprendizagem num determinado contexto é uma conceção de ensino e aprendizagem que ajuda os professores a relacionar o teor da matéria sujeita à situação do mundo real, e motiva os alunos a fazer conexões entre o conhecimento e suas aplicações, para com a sua vida, para si mesmo e para os outros cidadãos. Algumas teorias educacionais e temas que se relacionam com aprendizagem contextual incluem o conceito construtivismo baseado no conhecimento através de várias aprendizagens. São elas a aprendizagem baseada em esforço, teoria incremental da inteligência, socialização,

aprendizagem baseada em problemas, a aprendizagem cooperativa, a aprendizagem baseada em projetos, aprendizagem de serviço e aprendizagem pelo trabalho. O conceito desta aprendizagem requer que os professores planejem aulas que sejam adequadas ao desenvolvimento dos alunos; devem incluir grupos de aprendizagem interdependentes; proporcionar um ambiente que suporta autorregulação da aprendizagem; o professor deve ter em conta diversidade dos alunos; deve abordar a inteligência múltipla dos alunos (incluindo técnicas de interrogatório que melhoram a aprendizagem dos mesmos e as habilidades de resolução de problemas, como por exemplo inquéritos).

Segundo Imel (2000), a aprendizagem contextual está enraizada no construtivismo aproximando o professor do aluno e vice-versa. Este tipo de método pedagógico cria novas relações entre os alunos e o professor fazendo com que haja uma certa cumplicidade entre eles.

Até agora a maioria das escolas, centros de formação, empresas, etc., têm adotado um ensino/formação que, nalguns casos, não tem envolvimento direta com a realidade. Os alunos são ensinados de forma mútua sem realmente estarem no terreno. Muitos deles sentem-se na obrigação de aprender algo que, nalguns casos, nem conseguem atribuir alguma lógica ao significado na matéria, nem sabem como irão aplicá-la no dia-a-dia.

A aprendizagem contextual vai trabalhar no sentido oposto que a aprendizagem atualmente desenvolvida na maior parte das instituições de ensino. Põe os alunos em prática de aprendizagem a partir de um determinado contexto. Muitos dos alunos estão a instruir-se sem se darem conta disso. Essa metodologia tem sido admirada e aconselhada por muitos autores. “Por mais que haja meios facilitadores ou propulsores da colaboração nos ambientes organizacionais, a premissa fundamental e tradicional tem sido sempre essa” (Figueiredo e Afonso, 2005).

Para que se compreenda melhor as diferenças entre os modelos de aprendizagem existentes e a aprendizagem contextual, estas estão representadas na seguinte tabela, (Figueiredo e Afonso, 2005):

Tabela 4: Modelos de aprendizagem existentes e a aprendizagem contextual

Modelos existentes	Aprendizagem contextual
O tempo de cada atividade é muito bem definidos, havendo um determinado tempo para aprender e um determinado tempo para se por em prática o que foi aprendido.	Quer as atividades quer as aprendizagens são consideradas inseparáveis e interdependentes. Acontecem e só funcionam simultaneamente, ao mesmo tempo. O individuo aprende enquanto está ativo na atividade.
As personagens são muito bem definidas. Existe um professor/formador que organiza os processos de aprendizagem e orienta os aprendizes.	Como os aprendizes estão a contribuir ativamente no processo de aprendizagem, ou seja, os que já sabem algo podem ensinar outros, os papéis variam constantemente, criando uma dinâmica igualitária e colaborativa, não havendo algum tipo de estatuto pessoal.
O processo de aprendizagem geralmente envolve apresentação de conteúdos e avaliação. Existe também uma interatividade mas com moderação.	O traço da aprendizagem contextual está em busca da solução dos problemas e desafios apresentados pelo contexto a decorrer na atividade.
A aprendizagem acontece, na maior parte dos casos, de forma individual, envolvendo um emissor para muitos recetores, com uma interação muito limitada.	As atividades envolvem ambos os emissores como os recetores de tal forma que a aprendizagem é feita através de diversos fatores, tais como atividades em grupo, desafios coletivos etc.).

Em suma,

depois desta jornada exploratória em torno de diversos autores, podemos tirar algumas conclusões referente a algumas teorias estudadas por eles. É possível ver a diversidade de opiniões presentes em cada um deles, que por vezes parecidas, mas um pouco díspares.

As teorias que comprovam que as atividades extracurriculares não contribuem para um bom aproveitamento e sucesso escolar, não se referem às atividades em que a matéria se relacione com a mesma ministrada nas escolas, ou seja, não está relacionado com aquilo que o aluno aprende¹.

¹ Esta teoria vai contra o tema que está à luz deste trabalho, ou seja, atividades musicais extracurriculares para alunos de música, guitarra.

Em contra partida vários autores defendem que as atividades extracurriculares, ajudam os alunos a desenvolver nos seus estudos, mostrando o que é a vida real, abrindo horizontes para o futuro.

Mais autores, referem que a participação em atividades extracurriculares pode aumentar a motivação, passando pelo *processo de automotivação*, fazendo com que possa haver alunos que comecem a apresentar comportamentos intrinsecamente motivados e, assim, conseguem melhores resultados académicos, tendo posteriormente um bom sucesso escolar

Dependendo do contexto da aprendizagem, o desempenho e a motivação do aluno, pode ser positivamente diferente. No caso específico deste presente trabalho, um aluno pode ter mais interesse e mais motivação intrínseca, se por exemplo fizer um concerto ou uma audição fora da escola, do que propriamente dentro dela

Capítulo III

8. Desenvolvimento da intervenção

8.1. Atividades musicais extracurriculares

As ações que foram desenvolvidas durante a intervenção pedagógica prenderam-se na elaboração de atividades musicais extracurriculares direcionadas para alunos de guitarra clássica de diferentes níveis formativos, tal como foi referido anteriormente. Foram elaborados projetos para a realização de atividades musicais extracurriculares, mas fora do âmbito da escola, para que os alunos de guitarra pudessem participar e envolverem-se no objetivo deste estudo.

Procedeu-se à organização de atividades extracurriculares musicais tais como concertos, concertos intercâmbios escolares, que envolveu alunos de duas escolas distintas, audições e uma master classe². Apesar das visitas de estudo a centros de espetáculos, museus, etc., não terem sido efetuadas como previsto inicialmente, pela razão já explicada no portefólio, os alunos tiveram oportunidade, durante a realização de todas as atividades extracurriculares, de visitarem e presenciarem os locais onde foram feitas as performances dos mesmos³.

Assim, foram realizadas as seguintes atividades extracurriculares, representadas na tabela 5:

² A master classe foi a única atividade musical extracurricular que foi desenvolvida dentro do espaço escolar, todas as outras foram elaboradas fora da escola onde os alunos habitualmente têm aulas.

³ Estes locais são conhecidos por espaços onde vulgarmente são apresentados inúmeros músicos amadores e profissionais.

Tabela 5: Atividades musicais extracurriculares realizadas

Alunos participantes	Atividade	Local	Data
Orquestra de Guitarras	Concerto/audição	Igreja dos Parceiros – Parceiros, Leiria	2 de Maio
Orquestra de Guitarras e alunos a solo do Orfeão de Leiria e da Escola de Artes - SAMP	Concerto/Intercâmbio	Igreja de São Pedro - Leiria	23 de Maio
Orquestra de Guitarras e alunos a solo	Concerto	FNAC – Leiria Shopping	29 de Maio
Aluno do Orfeão de Leiria e da Escola de Artes - SAMP	Master classe	Orfeão de Leiria/Conservatório de Artes	6 de Junho

8.1.2. Concerto na Igreja dos Parceiros – Leiria



Figura 5: Concerto na Igreja dos Parceiros

Esta atividade está designada como concerto/audição que teve lugar numa Igreja⁴ situada numa aldeia denominada Parceiros – Leiria, ocorreu no dia 2 de Maio, pelas 21:30h.

Esta igreja fica situada a 4Km do Orfeão/Conservatório de Artes (Leiria) e na mencionada aldeia existem cerca de 4664 habitantes⁵, repartidos por 11,57 km². O local do concerto/audição (igreja) possui um espaço enorme com uma invejável acústica, algo que para quem toca um instrumento musical, é indispensável e vantajoso do ponto de vista musical.

Num primeiro tempo, ainda na escola, foi feito um ensaio geral, onde estavam presentes todos os elementos constituintes da orquestra, incluindo um aluno contrabaixista e uma aluna flautista que foram ambos convidados. Foram ensaiadas as obras para o concerto tais como *Dur comme un rock*, *Loin d'ici* e *Rock' oco* de Adrien Politi e a *Sonata* Op.15 de Fernando Sor, onde nesta última, contou com a interpretação da aluna solista referida anteriormente. O contrabaixista acompanhou todas as restantes obras referidas.

Às 19:30 horas, todos os intervenientes foram para a igreja indicada anteriormente. Já no local do concerto, foi estipulado o espaço onde iria decorrer a performance da orquestra de guitarras pelo que se teve de proceder à organização do mesmo, retirando algumas cadeira perto do altar, para que houvesse lugar para todos os alunos nesse espaço sem haver qualquer obstáculo que impedisse o bom funcionamento da atividade⁶. Já o espaço convenientemente preparado, foi feito, então, novamente um ensaio geral de colocação, ensaiando-se todas as obras para o concerto que se ia realizar às 21:30h. À hora do concerto todos os alunos estavam prontos, guitarras afinadas, roupa adequada, etc.. Alguns alunos mais tensos que outros mas com muita vontade de tocar. Foi notório, uma grande motivação nos alunos, quando comparado com as aulas. Na sala estavam, aproximadamente, 80 pessoas a assistir.

O concerto ocorreu de forma bastante satisfatoriamente à exceção da terceira obra (*Rock' oco*), que apresentou alguma falta de carácter musical, havendo até mesmo, situações em que alguns alunos se perderam na leitura, denotando-se a falta de guitarras e consistência musical.

⁴ Igreja Paroquial de Nossa Senhora do Rosário

⁵ Numero contabilizado em 2011

⁶ Vários alunos tiveram a amabilidade de ajudar a transportar cadeiras, montar estantes e desimpedir o espaço

Contudo, e apesar de terem existido alguns equívocos, numa forma geral correu bastante bem no ponto de vista técnico/interpretativo, com boa qualidade sonora. Alguns alunos, no final, apresentaram um caráter um pouco descontente, mas rapidamente voltaram a ficar motivados, sabendo que algumas falhas mencionadas anteriormente devem servir no entanto, de estímulo para os alunos continuarem a estudar mais para que, na próxima atividade extracurricular, não surjam os mesmos problemas.

8.1.3. Concerto intercâmbio na Igreja de S. Pedro – Leiria



Figura 6: Concerto intercâmbio na Igreja de S. Pedro

Esta atividade extracurricular foi executada numa igreja situada no centro histórico de Leiria, estando instalada perto da estrada que faz ligação com o Castelo de Leiria, no dia 23 de Maio pelas 20:30h.

A atual Igreja de São Pedro, ou também denominada Capela de São Pedro, começou a ser construída no final do séc. XII, sendo pela primeira vez referenciada documentalmente em 1200, quando numa disputa entre o bispo de Coimbra e o Mosteiro de Santa Cruz sobre o domínio eclesiástico da cidade. O final da sua construção ocorreu nas primeiras décadas do séc. XIII. Leiria foi designada sede da diocese em 1545, e por um curto período de tempo a igreja de São Pedro serviu como catedral da cidade até a conclusão da atual Sé de Leiria, em 1574. A sua

estrutura serviu de igreja paroquial e passou por algumas reformas nos séculos XVII e XVIII. No século XIX chegou a ser usado como teatro, celeiro e até prisão. Em 1910 foi designada Monumento Nacional e em 1933 restaurada pelo DGEMN⁷. Esta igreja é um dos únicos vestígios da arquitetura românica de Leiria tendo sobrevivido numerosos arcos, colunas e capiteis.

Neste concerto intercâmbio houve alunos de 2 escolas que marcaram a sua presença. Alunos referentes ao Orfeão/Conservatório de Artes foram atuar juntamente com alunos da Escola de Artes SAMP⁸ – Sociedade Artística Musical dos Pousos, na referida Igreja.

O concerto estava previsto para as 20h. Contudo, este sofreu um pequeno atraso de 30 minutos, pelo facto do Professor Mesquita estar a fazer provas de passagem no Orfeão. Entre as 18:30h e as 20:00h, já na Igreja, enquanto o professor cooperante não chegava, procedeu-se à organização do espaço, nomeadamente cadeiras, estantes e luzes do palco, perto do altar onde iria decorrer o concerto. Efetuou-se ainda, a afinação de algumas guitarras, visto que se tratava de alguns alunos mais novos (primeiros e segundos graus) que ainda não possuíam a capacidade para afinar o instrumento sem o apoio de um professor. Entretanto, o professor Mesquita chegou, procedeu à organização e acerto dos últimos pontos e deu-se início ao concerto por volta das 20:30h.

A igreja estava com, aproximadamente, 50 pessoas a assistir e o concerto contou com a presença de 28 alunos dos quais 4 faziam parte da Escola de Artes SAMP. Houve 14 alunos que tocaram a solo e outros 14 que tocaram com a Orquestra. O concerto da orquestra de guitarras sucedeu-se como previsto, tocando as mesmas obras que tinham sido ensaiadas durante as aulas e também as que foram tocadas no último concerto, tendo este corrido melhor que a última atuação. A ordem de execução das obras foi a seguinte: *Dur Comme un Rock I, Loin D'Ici, Rockoco e Dur Comme un Rock II*, de Adrien Politi e *Sonata Op. 15* de Fernando Sor, que nesta última, também contou com a presença dos 2 elementos convidados (flautista e contrabaixista).

Foi notório nos alunos neste segundo concerto, mais responsabilidade, mais dedicação e empenho e muito menos imperfeições, musicalmente, em comparação com a atividade extracurricular precedente. No final do concerto, os alunos já não apresentavam o mesmo

⁷ Direção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais

⁸ Escola situada nos Pousos – Leiria sendo esta onde o estagiário leciona.

carater descontente, verificado há 3 semanas (2 de Maio). Segundo o professor Cooperante, os alunos empenharam-se mais para este segundo concerto do que para o primeiro.

8.1.4. Concerto na FNAC – Leiria



Figura 7: Concerto na FNAC

Este concerto foi realizado por vários alunos do Orfeão/conservatório de Artes, sendo que para além da orquestra de guitarras, também a FNAC contou com presença de outros alunos do ensino básico da mesma escola.

Nove alunos inseridos na orquestra de guitarras e 2 alunos de 1º grau tocaram a solo. Às 18:30h, o professor estagiário e o professor Mesquita dirigiram-se para a Fnac levando com eles algumas estantes que seriam necessários para o concerto. Já no palco da Fnac, procedeu-se à organização do espaço, nomeadamente à colocação e distribuição de cadeiras e estantes. Para os alunos que iriam fazer uma performance a solo, foi solicitado à pessoa responsável pela organização de eventos na FNAC, que fornecesse um microfone para a captação sonora dos instrumentos, o que foi bastante positivo na medida em que a grande maioria dos alunos nunca tinham feito um concerto com captação sonora do seu instrumento, então, foi algo bastante inovador e motivador.

Entretanto, alguns alunos foram chegando individualmente, e ensaiando um pouco para aquecer as articulações, ambientando-se à sala e ao público que se já encontrava no local.

Quando a hora do concerto começou a aproximar-se, já a sala estava com algum público preparado para assistir. Para além de estarem presentes alguns encarregados de educação dos alunos em questão, estava também público desconhecido que frequentava a loja (Fnac) e pararam um pouco para ver o que iria acontecer.

O concerto começou por volta das 21:10h, dez minutos depois do previsto no cartaz quinzenal da FNAC. Iniciou-se com os alunos a solo de 1º grau, seguindo, também a solo, com cada aluno da respetiva Orquestra. Quando estes terminaram as suas atuações, deu-se a entrada, no palco, a orquestra de guitarras. O concerto terminou por volta das 22:30h. No final vários encarregados de educação vieram elogiar o professor José Mesquita pelo excelente trabalho que tem vindo a desenvolver com os seus alunos.

Este concerto apesar de ter servido para o presente estudo, serviu no entanto, de preparação e de “rodagem” de repertório, para o exame de guitarra e música de câmara que alguns alunos iriam ter nos próximos dias.

Neste concerto foi possível verificar, que cada aluno tinha estudado bem as obras que apresentaram individualmente, mostrando um certo rigor na forma como as interpretaram. A responsabilidade de cada aluno na execução e na sua atuação em palco foi bastante perceptível chegando por vezes a níveis de excelência, nunca verificados anteriormente.

8.1.5. Master classe de guitarra – Orfeão de leiria/Conservatório de Artes

Uma master classe, como o próprio nome indica, é um curso de aperfeiçoamento musical em que várias classes/níveis de alunos apresentam certas obras aos professores dirigentes do curso, onde existe uma troca de ideias por partes de ambos os sujeitos. Esses cursos podem ter uma duração entre um e vários dias⁹ e podendo ser ministrado aulas individuais e/ou em grupo com um determinado tempo letivo. Em geral, outros alunos podem estar a assistir às aulas que estão a decorrer, não podendo haver intervenção dos mesmos para não destabilizar o decorrer da aula.

⁹ Em Portugal tem geralmente uma duração de 2 a 3 dias.

Neste caso específico, a master classe teve a duração total de 6 horas, tendo sido proporcionadas aulas individuais e em grupos (máximo 3 alunos). Cada aula teve uma duração total de 45 minutos. Foi realizada nas instalações do Orfeão/Conservatório de Artes, no dia 6 de junho por volta das 13:30h. Para o efeito foi previamente elaborado um mapa, onde constavam os nomes dos alunos e o professor que iria ministrar a aula, assim também como a respetiva sala.

Nesta master classe participaram vários alunos¹⁰ de níveis escolares distintos, nomeadamente 1º, 2, 3, 6º, 7º e 8º. Os professores que dirigiram esta master classe, como já referido no portefólio, foram o Prof. José Mesquita Lopes, Prof. Doutor Ricardo Barceló e o professor estagiário. Cada aluno, indicou, uma semana antes da realização do curso, as obras que iria trabalhar como respetivo professor, à exceção dos alunos referentes ao Prof. Doutor Ricardo Barceló.

De seguida irá ser apresentado o que ocorreu na master classe dirigido pelo professor estagiário, não podendo ser referido o desenvolvimento das aulas que ocorreram com os outros professores, já que o professor estagiário não teve possibilidade de presenciar.

1ª Aula

Nesta aula o aluno D, trouxe 2 obras para trabalharmos, são elas *Estudo n° 24* de Guido Topper e *Arpeggio* de Juan Muro. Relativamente ao estudo, o aluno deverá conseguir executá-lo corretamente, separando devidamente ambas as vozes (melodia e acompanhamento). Deverá igualmente, respeitar a duração de cada nota, fazendo com que a melodia não soe demasiado *stacatto*. No que diz respeito à peça, o aluno deverá conseguir tocá-la com pulsação sem apoio e respeitar os silêncios. Todas as dinâmicas deverão ser efetuadas. A postura do aluno em relação ao instrumento, assim como ambas as mãos, deverão estar devidamente posicionadas.

Depois do aluno tocar o estudo proposto para esta aula, verificou-se de que este estava a executar o estudo um pouco rápido. De seguida, perguntou-se ao aluno quais tinham sido as

¹⁰ Os alunos que irão ser identificados pelos números “1” e “2” são, alunos que não estiveram na base deste estudo, uma vez que esses foram repartidos pelos outros professores presentes, e os alunos que irão ser indicados de seguida, foram somente os que se apresentaram para o professor estagiário. Para além disso houveram alunos, embora poucos, que infelizmente, não puderam marcar presença neste curso.

principais dificuldades que ele tinha perante a execução do estudo. O aluno referiu ter alguma dificuldade em tocar algumas notas com apoio. Perante essa afirmação, foi solicitado ao aluno que tocasse num andamento mais lento para que este pudesse ter mais tempo para tocar todas as notas. Verificou-se que a execução do estudo estava um pouco melhor do que na primeira tentativa. No entanto, para além de existirem ainda alguns tempos irregulares assim como silêncios não respeitados, verificou-se algumas notas tocadas despropositadamente com apoio. Após alguns apontamentos na partitura, chamadas de atenção perante as anomalias que tinham sido anotadas e várias repetições de execução da peça juntamente com o aluno, este conseguiu interpretar o respetivo estudo de uma forma bastante razoável sem qualquer falha significativa. Perante esta evolução tão repentina, deduziu-se que o aluno somente não tinha tido um estudo regular em casa, tendo capacidades suficientes para executar o referido estudo.

Seguidamente, iniciou-se a execução da peça *Arpeggio* de Juan Muro. Depois do aluno tocá-la, verificou-se que existiam algumas notas que estavam a ser tocadas com apoio. Visto que se trata de uma peça com notas harpejadas, solicitou-se ao aluno que experimentasse tocar sem apoio. Este fê-lo, obviamente, com um pouco mais de velocidade, razão pela qual lhe foi chamado a atenção que seria importante o uso do metrónomo para estudar esta peça num andamento mais lento, controlando assim a velocidade e a pulsação da mesma.

Paralelamente ao referido, o aluno não estava a executar as dinâmicas como indicadas na partitura. Logo, e após se ter exemplificado com o instrumento, pediu-se que, sem pisar as cordas com a mão esquerda, fizesse as dinâmicas, para que o aluno controlasse unicamente a mão responsável para esse efeito. Ao qual, as mesmas, foram bem-sucedidas.

Quase no desfecho da aula, solicitou-se que tocasse novamente a peça, tendo em conta os exercícios que se tinham acabado de fazer para melhorar as carências inicialmente verificadas. Apesar da pulsação, nalguns compassos não estarem corretamente executados, o aluno conseguiu tocar a peça razoavelmente. Devido ao fato desta peça necessitar de ser tocada sem apoio, o aluno apresentou alguma irregularidade na posição da mão direita, pelo qual lhe foi, inúmeras vezes, chamado a atenção durante parte da aula.

2º Aula

Para esta aula o aluno E preparou as peças *Lección nº7* de Dionísio Aguado e *Estudo nº18* de Guido Topper. Para um boa execução desta obra o aluno deverá controlar todas as dinâmicas assim como respeitar todas as digitações. Deverá ainda saber separar todas as vozes, respeitar a duração total de todas as notas assim como as respectivas pausas. A postura do aluno deverá ser corrigida assim como o posicionamento de ambas as mãos e a qualidade sonora.

Na presente aula o aluno começou por tocar a *Lección nº7* de Dionísio Aguado ao qual foram notórias algumas imperfeições na duração de algumas notas. As dinâmicas presentes também não estavam a ser feitas com a intensidade correta. O aluno afirmou que, para além de estar a estudar esta peça há relativamente pouco tempo, era uma peça que tinha muitas notas, e isso confundia-o relativamente com os tempos de cada voz. Procedeu-se à explicação das dinâmicas que deveriam de ser bem dominadas e demonstrou-se como estas deveriam de soar. Também foi executando a peça indicando igualmente o valor de cada “mínima” presente na partitura.

De seguida, o aluno tentou executar algumas passagens, repetindo-as algumas vezes, até conseguir evoluir a sua interpretação e domínio. Apesar do aluno ainda apresentar algumas dificuldades nomeadamente na duração de algumas notas e nalguns desrespeitos de certas pausas presentes no final de cada secção da peça, conseguiu provavelmente, reunir condições mínimas e adquirir algumas capacidades e motivação para melhorar a interpretação da obra em questão, se continuar a manter um estudo contínuo.

Seguidamente procedeu-se ao *Estudo nº18* de Guido Topper. Nesta peça o aluno demonstrou alguma dificuldade em fazer a separação da melodia com o acompanhamento. Para que o aluno conseguisse superar as referidas dificuldades, propôs-se que tocasse somente a melodia. Numa primeira fase foi um pouco complicado, na medida em que o aluno não estava habituado a tocar somente uma das vozes, mas rapidamente conseguiu executá-lo. Enquanto ele tocava a voz superior, o professor estagiário acompanhava com o respetivo acompanhamento na guitarra. Depois trocou-se os papéis, executando, o professor estagiário, a voz melódica e o aluno, o acompanhamento. Este exercício serviu, com sucesso, para que o aluno conseguisse distinguir perfeitamente cada uma das vozes.

No final da aula esteve-se somente a indicar-lhe qual deveria ser a sua posição em relação à guitarra, pois o aluno à medida que ia tocando a peça, ficava numa posição menos correta deslocando a cabeça da guitarra para baixo, ficando quase com esta na horizontal.

3ª Aula

Às 14:45h o aluno F deu entrada na sala onde estava a decorrer a master classe. Este apresentou igualmente duas peças para trabalhar, são elas *Escalando* de Jaime Zenamon e *Rocking* de Ruth Nunn.

Estas obras apresentam já um bom grau de dificuldade para o nível onde o aluno se encontra, devendo, por isso, ter em atenção alguns aspetos técnicos e musicais acrescidos. Nomeadamente, fazer corretamente a separação de todas as vozes, respeitar as digitações escritas na partitura ou outras que o seu professor lhe tenha indicado, conseguir afinar o instrumento e ter uma postura correta e constante durante toda a aula. Todas as dinâmicas deverão ser executadas corretamente. O aluno deverá saber fazer as mudanças de posições sem ruídos involuntários.

Inicialmente, o aluno começou por interpretar o *Escalando* de Jaime Zenamon tocando num andamento mais lento do que é exigido, razão pela qual, se propôs o uso do metrônomo. Começou-se num andamento mais lento do que ele tinha tocado na primeira vez verificando se existia algo de irregular. Seguidamente, à medida que foram contando o número de vezes que se iam tocando a peça, foi-se aumentando gradualmente o andamento da mesma, até chegar à velocidade pretendida. Foi notório que a linha melódica tocada pelo polegar, por vezes, soava com menos intensidade do que as notas “si” e “mi” tocadas nas cordas soltas (acompanhamento que é feito do início ao final da peça). Depois de se explicar o que era uma melodia acompanhada e de se exemplificar como deveria de ser executado, apesar de ainda apresentar alguma dificuldade, o aluno percebeu como deveria de estudar a referida peça em casa, tendo em conta o que havia ainda a melhorar.

Posteriormente, começou-se a trabalhar a segunda obra mencionada, *Rocking* de Ruth Nunn. Nesta peça, contrariamente à anterior, o aluno não apresentou qualquer dificuldade em

particular. Procedeu-se somente à exemplificação e à chamada de atenção nalgumas dinâmicas que deveriam ser mais contrastantes, assim como algumas repetições desnecessárias de digitações da mão direita. Quanto à afinação do instrumento, este manteve-se perfeito, desde que o próprio aluno, com recurso ao afinador eletrônico, a afinou no início da aula, até ao final.

Numa visão geral, o aluno conseguiu atingir, de uma forma razoável, os objetivos desta aula, apesar do mesmo ter que manter um estudo regular, continuando assim, a evoluir no sentido de dominar cada vez melhor, as obras que lhe são propostas e o próprio instrumento.

4ª Aula

Seguidamente passou a dar entrada na sala de aula o aluno 1, como referido anteriormente este aluno não fez parte do estudo deste trabalho, contudo, achou-se conveniente descrever também todo processo e o decorrer da sua aula na master classe.

Como obras, este aluno apresentou *Arpeggio* de Juan Muro e *Estudo nº40* de Guido Topper. Para o aluno apresentar uma boa interpretação das mesmas, deverá, relativamente à primeira obra, conseguir fazer uma pulsação sem apoio e utilizar as digitações corretas. Todos os silêncios, assim como as dinâmicas deverão ser respeitadas. A qualidade sonora deverá, igualmente, ser cuidada, não fazendo sobressair ruídos, involuntariamente. No que diz respeito ao *Estudo nº40* de Guido Topper, o aluno deverá fazer todas as dinâmicas e respeitar as digitações. A pulsação deverá ser adequada mantendo-a constante. Além disso, deverá ter uma postura correta, quer a nível do posicionamento da guitarra, quer a nível de ambas as mãos. Deverá ainda, ter cuidado para não provocar ruídos indesejados nas mudanças de posições da mão esquerda.

Nesta 4ª aula da Master Classe, o aluno começou por tocar *Arpeggio* de Juan Muro um pouco rápida e de forma atrapalhado. Logo, lhe foi solicitado para se concentrar, pensar bem no andamento e começar de novo. Nesta segunda tentativa que o aluno executou a peça e apresentou muito menos imperfeições, tocando ainda algumas pausas involuntariamente. Pelo que se decidiu estudar com o aluno utilizando o metrônomo, acompanhando igualmente com a guitarra. Inicialmente começou-se num andamento lento e, gradualmente foi-se aumentando a

velocidade. Foi possível notar que o aluno executava a peça com algumas digitações erradas e ainda existia repetições desnecessárias dos dedos da mão direita. Apesar da primeira peça mencionada não estar totalmente bem interpretada, o aluno soube qual deveria de ser o resultado final em relação à interpretação da mesma, assim também como deveria de estudá-la em casa durante as férias.

Seguidamente, passou-se para a execução do *Estudo n.º 40* de Guido Topper. Este estudo já tinha sido bastante trabalhado com o professor José Mesquita, pelo que foi possível notar-se uma boa interpretação. O aluno não precisou de partitura para tocá-la, contudo, ainda apresentava algumas dificuldades nos matizes dinâmicos. Após o processo de demonstração da obra por parte do professor estagiário, exemplificando como deveria ser o resultado final desta peça, o aluno executou a obra um pouco melhor, apesar de ainda não estar nas condições perfeitas. Todavia este deverá estudar um pouco mais, para conseguir melhorar as dificuldades referidas, mantendo um estudo regular com o instrumento.

5ª Aula

Neste tempo de master classe, este o aluno 2, este aluno, igualmente, não fez parte do presente estudo. Este trouxe para trabalhar durante esta aula uma obra intitulada *Tanze Und Weisen Aus Dem Barock* de um compositor anónimo. O aluno deverá saber afinal o instrumento sem necessitar da ajuda do professor, por exemplo recorrendo ao afinador eletrónico ou ao diapasão. Terá que executar bem a peça tendo em conta todas as dinâmicas, separação de todas as vozes, efetuando ligaduras existentes entre as notas, respeitar corretamente as digitações e ter uma boa postura durante todo o decorrer da aula. A qualidade tímbrica deverá ser a mais adequada tendo em conta o ataque que deverá efetuar no contacto com as cordas da guitarra.

Depois do aluno afinar a guitarra sozinho, este tocou a peça mencionada anteriormente. Verificou-se que existiam algumas digitações que o aluno ainda não estava a respeitar. Logo, esteve-se a trabalhar e a rever as mesmas, nalgumas partes da peça, juntamente com o aluno, fazendo inúmeras repetições, utilizando o metrónomo que serviu para, gradualmente se aumentar a velocidade de execução da peça. Ainda se procedeu à

exemplificação de como deveria soar a voz melódica, no que diz respeito ao timbre e à intensidade sonora, uma vez que o aluno, estava a tocá-la com uma articulação um pouco *stacatto* e o pretendido era *legato*, ou até mesmo, *portato*, em certas secções. A posição do polegar da mão direita foi um pouco melhorada, de modo que a voz do baixo tivesse um *ataque* mais acentuado e definido. Algumas ligaduras presentes nos compassos 3 e 9, não estavam a ser corretamente executadas. Para além das carências verificadas, existiam ainda dinâmicas que o aluno apresentava alguma dificuldade em executá-las, pelo que foi necessário trabalhá-las um pouco, simultaneamente, com ele. Mais para o final da aula, o aluno apresentou um som razoável para o nível onde se encontra, mas em contrapartida, a posição da mão esquerda ainda apresenta alguma irregularidade. Procedeu-se, então ao posicionamento e melhoramento da referida mão esquerda, assim como ao do próprio instrumento em relação ao aluno, uma vez que a sua perna esquerda estava incorretamente posicionada e fazia com que todo o corpo do aluno estivesse em desequilíbrio.

No final de todos os processos anteriores estarem regularizados, esteve-se a trabalhar com o aluno, um pouco melhor a peça por partes, usando o metrónomo, até sentir que o aluno conseguisse tocar a peça mais confiante e sem qualquer entrave. No final da aula, o aluno executou a peça de uma forma muito consistente e melhor estruturada que inicialmente, mostrando uma interpretação com um carácter mais confiante e um melhor domínio instrumental.

6ª Aula

Esta aula, contrariamente às outras lecionadas anteriormente nesta master classe, teve uma duração total de 180 minutos. Foi dada uma aula para três alunos, sendo eles aluno E, F e 1.

Nesta aula irá ter trabalhado uma obra intitulada *Balletto* II de Giovanni Gastoldi. Esta aula vai ser dedicada à leitura à primeira vista. Ou seja, foi sugerido uma obra pelo professor Mesquita, para trabalhar durante o tempo desta aula com os alunos, sem estes a conhecerem.

Os alunos deverão fazer uma leitura da peça referida anteriormente, *Balletto* II de Giovanni Gastoldi. Embora haja a necessidade de estar constantemente a dar as indicações para

eventuais dúvidas que possam ocorrer durante a sua leitura, os alunos deverão conseguir interpretá-la, tendo em conta tudo aquilo que aprenderam neste ano letivo, nomeadamente afinação do instrumento, postura, qualidade sonora e tímbrica, destreza técnica, etc.. Deverão ainda, conseguir manter-se concentrados na voz do seu próprio instrumento, assim como nas guitarras dos outros colegas, dado que a obra foi composta para três vozes diferentes. Na parte final da aula, durante a interpretação, se por ventura houver alguma nota mal pisada ou erro de leitura em que alguém se perca, esse sujeito deverá recuperar o andamento da música, ou seja, não poderá haver paragens.

Numa primeira fase, fez-se uma leitura geral da peça, anotando-se digitações da mão direita/esquerda assim como o registo, na partitura, dalgumas dinâmicas. Seguidamente, todos os alunos começaram por fazer uma leitura enquanto também se estava a ajudar cada um deles. Alguns apresentaram mais dificuldades que outros, pelo que se esteve de dedicar mais tempo da aula para os corrigir: O aluno 1 apresentava algumas dificuldades de leitura e alguns ruídos involuntários, pisando mal as cordas nalgumas situações com a mão esquerda; o aluno F tinha alguma dificuldade em executar as digitações trocando alguns dedos e fazendo movimentos desnecessários. O aluno E era aquele que mais se destacava no que diz respeito à boa execução da peça, querendo nalgumas ocasiões ensinar e dar indicações a alguns dos seus colegas.

Posteriormente, iniciou-se a execução da peça num andamento mais lento que o previsto. Nesta primeira tentativa, como já era previsível, houve ainda muitas falhas respeitante à pulsação do andamento e às respetivas notas. Decidiu-se então, que os alunos fizessem uma primeira execução da peça, num andamento ainda lento. Depois de várias tentativas, trabalhando da forma referida, os alunos começaram a decorar algumas notas e algumas frases melódicas pelo que, seguidamente passou-se por trabalhar um pouco as dinâmicas da peça e a qualidade sonora de cada aluno, demonstrando no instrumento como se deveria executar a obra, para que pudessem de seguida imitar.

Ao fim de algum tempo, os alunos conseguiram atingir o objetivo da aula. Relembro que apesar de esta peça ser novidade, eles conseguiram fazer uma boa interpretação sem muitos ruídos e com dinâmicas muito bem executadas. Todas as vozes estavam bem coordenadas e perfeitamente diferenciadas entre elas. Foi de notar que por vezes até existia alguma comunicação não-verbal por parte dos alunos, nas entradas de algumas frases, nalgumas

pausas, assim como um sinal por parte de um elemento para que no final da peça terminassem todos em conjunto.

9. Dados estatísticos, verificação e avaliação de resultados

9.1. Inquéritos ministrados aos alunos

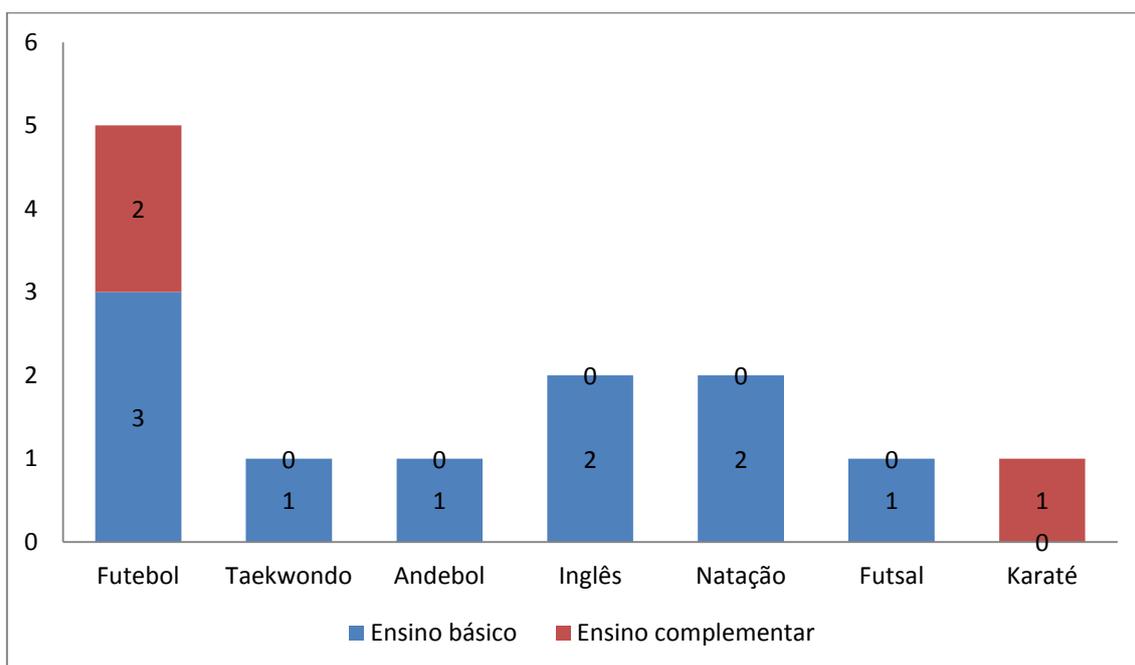


Gráfico 1: Quantidade de atividades extracurriculares (não musicais) praticadas, em relação ao ensino básico e complementar

Nota: Cada aluno pode participar em mais do que uma atividade

No gráfico 1, estão indicadas as quantidades de atividades extracurriculares não musicais que são frequentadas em relação ao tipo de ensino. Através da análise dos dados apresentados, podemos verificar que no que diz respeito à quantidade de atividades extracurriculares não musicais que os alunos frequentam, maioritariamente, o futebol é o que está mais presente, havendo 3 alunos (18.75%) do ensino básico e 2 alunos (12.5%) do ensino

complementar a frequentá-los¹¹. A seguir ao futebol temos presente em segundo lugar como atividade extracurricular mais frequentada, as aulas de inglês e a natação, havendo 2 alunos (12.5%) do ensino básico a frequentar cada uma delas. Como terceira atividade extracurricular mais frequentada, está presente as restantes 3 atividades, são elas o Taekwondo, o Andebol e o Futsal, frequentado por alunos do ensino básico e o Karaté por um aluno do ensino complementar, sendo cada uma frequentadas por 1 aluno (6.25%).

Dos 16 alunos (100%) que participaram neste estudo, 10 alunos (62.5%) praticam atividades extracurriculares referidas no gráfico e os restantes 6 alunos (37.5%), não frequentam qualquer tipo de atividade extracurricular não musical.

Como é notório neste gráfico, os alunos que frequentam o ensino básico praticam em maioria, mais atividades extracurriculares que os alunos do ensino secundário. Ou seja, todos os alunos do ensino básico frequentam atividades extracurriculares não musicais mas apenas 3 alunos (18.75%) do ensino secundário, praticam esse tipo de atividades extracurriculares como indicado na seguinte tabela:

Tabela 6: Quantidade de práticas de atividade extracurricular não musicais por nível de aprendizagem

Nível de ensino	Quantidade de prática de atividade extracurricular
1º Grau	4 (25%)
2º Grau	1 (6.25%)
3º Grau	2 (12.5%)
6º Grau	2 (12.5%)
7º Grau	1 (6.25%)
8º Grau	0 (0%)
Curso Profissional	0 (0%)

¹¹ Dado que o Orfeão / Conservatório de Arte se situa mesmo ao lado do estádio municipal de Leiria, o futebol torna-se ainda mais, apesar de já ser um desporto bastante popular, uma atividade extracurricular maioritariamente frequentada pelos alunos.

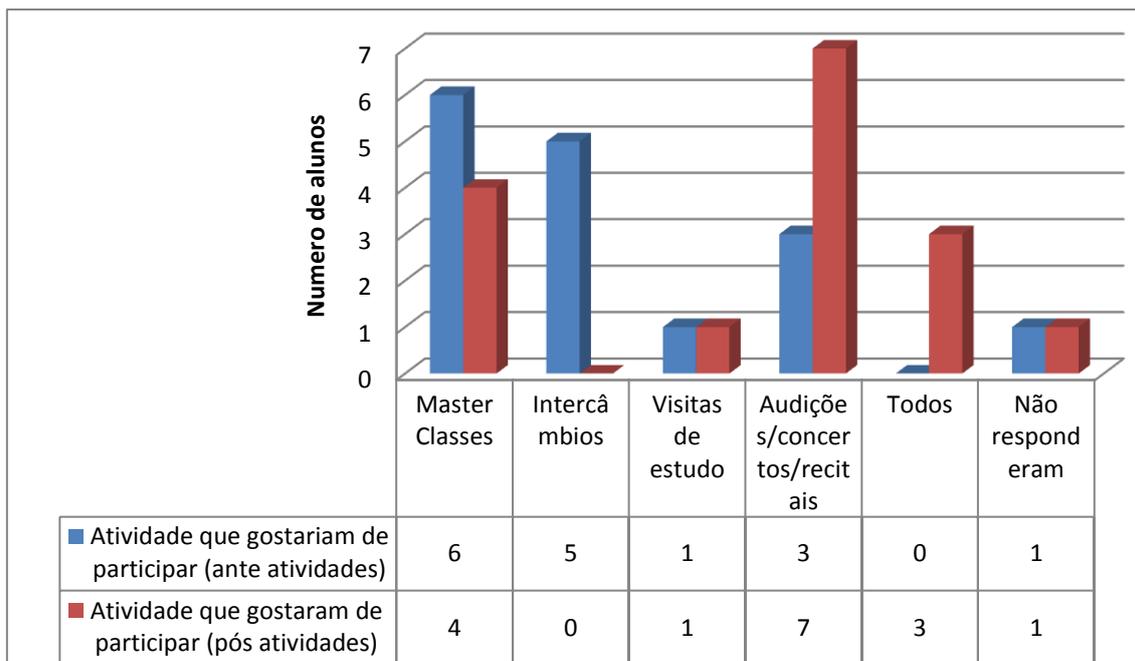


Gráfico 2: Qualidade de atividade que todos os alunos gostariam de participar, em relação às que gostaram de participar

No gráfico 2 estão representadas as preferências das atividades musicais extracurriculares por aluno, antes e depois da realização dos mesmos. Ou seja, através dos inquéritos realizados, foi pedido aos alunos que, antes da intervenção, indicassem qual a atividade extracurricular que gostariam de realizar e, depois da intervenção, também foi pedido que assinalassem qual tinha sido a atividade de que mais tinha apreciado.

Após análise dos dados do referido gráfico, verifica-se que inicialmente, a atividade que os alunos elegeram maioritariamente, foi a “master classe” com um total de 6 (37.5%), atividade esta que desvalorizou para 4 (25%) indicações no final da intervenção. A segunda atividade extracurricular com mais preferências inicialmente foram os “intercâmbios” com 5 (31.25%) assinalamentos nos inquéritos, algo que foi totalmente contrastante no final das atividades, não havendo qualquer tipo de preferência nesta atividade¹², ou seja, 0 (0%). Em terceiro lugar, relativamente à eleição da atividade extracurricular preferencial antes da realização das atividades, foram as “audições/concertos/recitais”, com apenas 3 dos alunos (18.75%), mas em contrapartida, no final da intervenção, foi a mais elegida em relação a todas as atividades,

¹² Só foi realizado um intercâmbio que estava inserido num concerto com vários alunos de duas escolas distintas. Poderia provavelmente, ter tido outro impacto nos alunos, se fosse realizado de outra forma com mais intensidade e mais diversidade de alunos por escola.

com um total de 7 alunos (43.75%). Em último lugar, temos presente as visitas de estudo¹³ com as mesmas escolhas antes e após a realização das atividades com 1 aluno (6.25%) em cada.

Portanto, com esta análise pode-se concluir que, no final da realização de todas as atividades extracurriculares, a mais apreciada pelos alunos foi a participação em Audições/concertos/recitais, com 7 indicações (43.75%), mas inicialmente tinha sido quase a menos votada. Assim, podemos deduzir que o fato dos alunos terem participação em audições/concertos/recitais, fez com que aumentasse o gosto pela realização da mesma por parte dos alunos.

Dos 16 alunos (100%), 6 (37.5%) não participam em atividades extracurriculares não musicais durante este ano letivo.

Tabela 7: Avaliações por aluno repartidos por níveis de escolaridade em relação ao 1º período e ao 3º período (antes e depois a intervenção pedagógica)

Nível \ Avaliação	Avaliações no 1º período	Avaliações no 3º período
1º Grau	3, 4, 4, 4	4, 3, 5, 3
2º Grau	4	4
3º Grau	4, 4	4, 3
6º Grau	16, 16	16, 17
7º Grau	16, 16, 16	17, 17, 16
8º Grau	17	17
C. P. M.	10, 16, 16	15, 16, 16

Legenda: C.P. M. Curso profissional de música

Nota: Os alunos referentes ao 1º, 2º e 3º Graus, estão submetidos a uma avaliação de uma escala de 1 – 5 valores; os restantes, são de uma escala correspondente de 0 – 20 valores.

Na tabela 5 estão apresentados as avaliações por aluno, do 1º e 3º período repartidos nos vários níveis escolares. Após a análise destes dados podemos verificar que relativamente ao primeiro grau, houve 2 alunos que subiram a avaliação e 2 que desceram a nota no 3º período em relação ao 1º; o aluno referente ao 2º grau conseguiu manter a sua nota no 3º período relativamente ao 1º; no 3º grau, dos 2 alunos que o inserem, um deles desceu a nota de “4”

¹³ Esta atividade, tal como os intercâmbios não foram realizadas com a intensidade e quantidade pretendida, fazendo somente parte dela, todas as visitas, para os locais dos concertos realizados.

para “3”; no 6º grau houve um aluno que elevou a sua avaliação de “16” para “17”; seguidamente no 7º grau, 2 alunos aumentaram a sua nota de avaliação de 1 valor passando de “16” para “17”; no 8º grau o aluno manteve a sua nota de avaliação, “17” valores; finalmente dos 3 alunos pertencentes aos cursos profissionais de música, um deles aumentou consideravelmente a sua nota, passando de um “10” no 1º período, para um “15” no 3º período, os restantes mantiveram a nota 16.

No gráfico seguinte pode-se verificar a média das avaliações por grau, em relação aos dois períodos que se tem vindo a analisar:

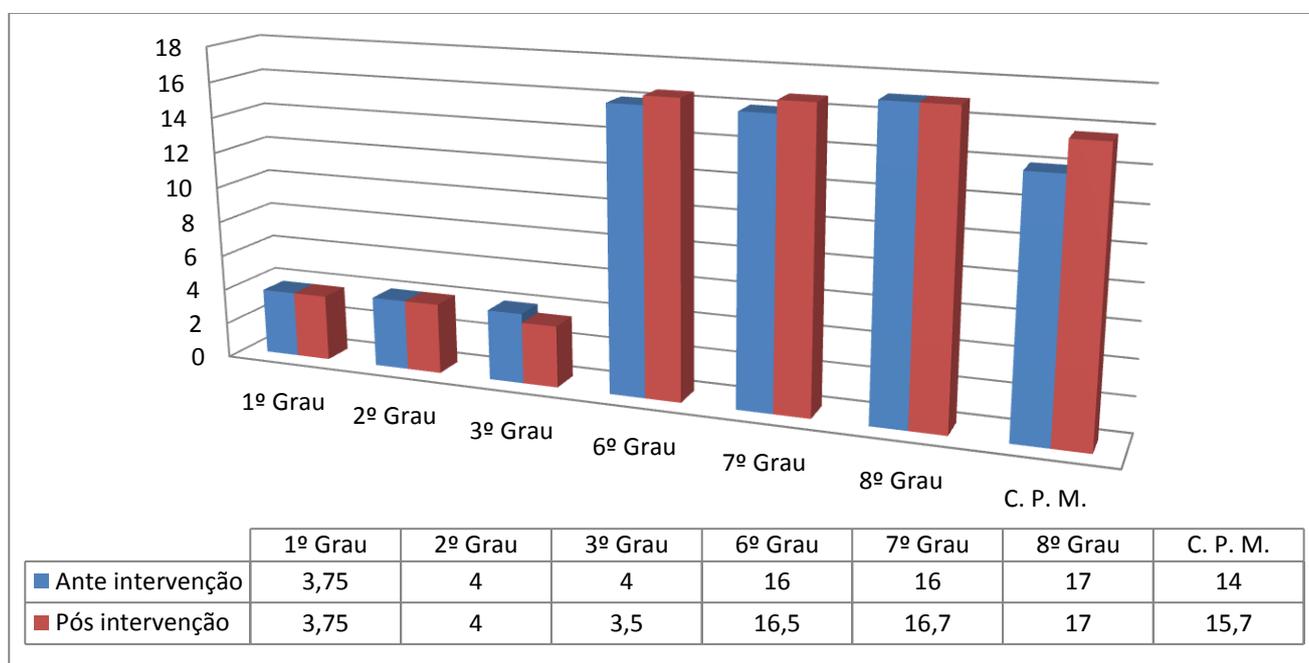


Gráfico 3: Média do sucesso escolar por nível dos alunos antes e pós atividades extracurriculares (1º e 3º período)

Após a análise dos dados do gráfico 3, podemos apurar que, nalgumas situações, é notório um aumento de sucesso escolar, nomeadamente no 6º grau, com a subida de uma média geral de “16” para “16.5” valores; no 7º grau um aumento de, aproximadamente, 1 valor, passando de “16” para “16.7” valores; por fim, nos alunos referentes ao Curso Profissional de Música com um aumento significativo de quase 2 valores, ascendendo, assim, de “14” para “15.7” valores no 3º período em comparação com 1º.

É possível verificar, igualmente, que houve três níveis escolares que mantiveram a média geral dos sucessos escolares no 3º período em relação ao 1º. Foram os casos do 1º, 2º e 8º grau que conservaram a média geral de “3.75”, “4” e “17” valores, respetivamente.

Também é possível constatar no gráfico que, para além das observações referidas anteriormente, no 3º grau houve um impacto negativo sendo constatável um descimento de 0.5 valores, na média geral do respetivo nível. Sendo que no 1º período a avaliação foi de “4” e, no 3º período sofreu uma pequena descida para “3.5”.

Portanto, no que diz respeito ao aumento médio do sucesso escolar em cada nível, verificou-se um impacto mais acentuado no Curso Profissional de Musica seguido do 6º e 7º grau de escolaridade.

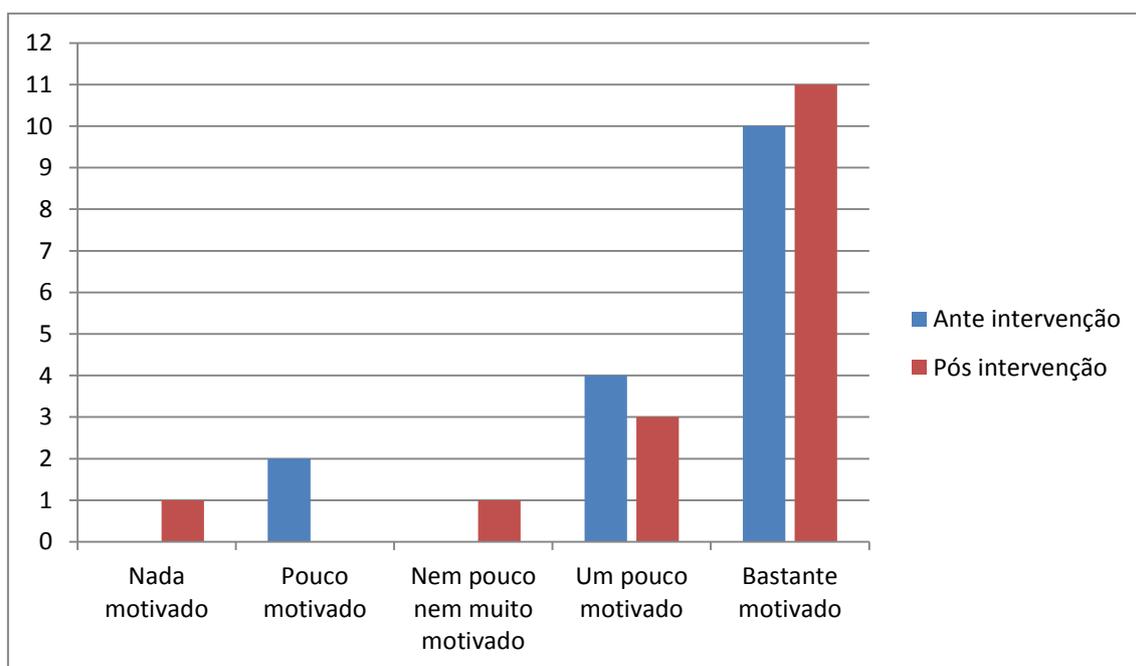


Gráfico 4: Motivação escolar antes e depois da participação nas atividades em relação ao número total de alunos.

No gráfico 4, estão presente os dados referentes à motivação de cada aluno, antes e depois da realização das atividades extracurriculares musicais. Perante a observação dos dados, pode-se verificar que, no que respeita à motivação antes da intervenção pedagógica, a maior partes dos alunos estão já, bastante motivados¹⁴, havendo um total de 10 alunos (62.5%) que

¹⁴ De acordo com a informação recolhida no primeiro inquérito administrados ao cooperante Prof. José Mesquita, todos os alunos desse referido professor, têm por hábito, frequentar várias atividades extracurriculares,

indicaram, nos primeiros inquéritos, o grau máximo de motivação, “bastante motivado”. Os restantes alunos, ainda na primeira fase, estão repartidos por outros graus de motivação. Assim, temos 4 alunos (25%), “um pouco motivados”, e 2 alunos (12.5%) “pouco motivados”. Na primeira fase, antes da intervenção, não se constata a presença de alunos, referentes aos graus motivacionais “pouco motivado” ou “nem pouco nem muito motivado”.

Após a realização de todas as atividades extracurriculares, foi possível constatar um aumento e uma diminuição de 1 aluno (6.25%) no grau máximo e de motivação, “bastante motivado” e no grau inferior a esse “um pouco motivado”, respetivamente. Também, só nesta fase, foi possível verificar a presença de 1 aluno no grau mínimo de motivação “nada motivado” e outro no grau médio de motivação “nem pouco nem muito motivado”.

Portanto, com todos estes dados, pode-se deduzir, que a maior parte dos alunos (87.5%), no final da realização de todas as atividades, estão entre os 2 últimos níveis máximos de motivação “um pouco motivado” e “bastante motivado”. Já os restantes alunos (12.5%) estão situados no grau mínimo e médio motivacional. Apesar de inicialmente, já ser notório bastante motivação nos alunos, foi possível, no final da intervenção, existir, ainda assim, um pequeno aumento de motivação.

Tabela 8: Motivação escolar em relação a cada grau/nível antes e pós intervenção por aluno

Nível\Fase da intervenção	Nada motivado		Pouco motivado		Nem pouco nem muito motivado		Um pouco motivado		Bastante motivado	
	Antes	Depois	Antes	Depois	Antes	Depois	Antes	Depois	Antes	Depois
1º Grau	-	-	-	-	-	-	1	-	3	4
2º Grau	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
3º Grau	-	-	-	-	-	-	1	1	1	1
6º Grau	-	-	1	-	-	1	-	-	1	1
7º Grau	-	-	-	-	-	-	2	1	1	2
8º Grau	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
C. P. M.	-	1	1	-	-	-	-	1	2	1

nomeadamente no Festival Internacional de Guitarra de Leiria, que engloba múltiplas atividades; concertos Intercâmbio por todo o país, que reúne escolas com vários níveis de ensino; gravações áudio e vídeo; Conferências sobre varias temáticas que não fazem parte do currículo, em que se discutem assuntos sobre transcrições, problemas físicos e psicológicos em guitarristas, em questões performativas em palcos, etc.. Portanto, estas múltiplas atividades que se tem por hábito de organizar, podem estar, possivelmente, na causa de um grau de motivação, já à partida, tão elevado por parte dos alunos.

De modo a clarificar toda a informação representada no gráfico 3, na tabela 4 estão apresentados os mesmos dados, mas detalhadamente. Podemos verificar o grau de motivação ante e pós intervenção mas por nível/grau escolar.

Relativamente ao grau de motivação máximo, “bastante motivado”, podemos verificar que os níveis de escolaridade em que houve maior aumento motivacional, foi o 1º grau com um aumento de 1 aluno e o 7º grau, também com 1º aluno com um aumento de motivação, em comparação com o primeiro período. Igualmente, é possível verificar que, dentro do mesmo grau motivacional, houve um aluno, pertencente ao Curso Profissional de Música, que apresentou uma descida no grau motivacional.

No que diz respeito ao grau de motivação, logo inferior ao máximo “um pouco motivado”, é verificável um aluno pertencente ao 7º grau, que inicialmente apresentava um grau motivacional em questão, mas no último período, a sua motivação subiu para o grau máximo, “bastante motivado”.

Referente ao 6º grau de escolaridade, verifica-se que existe um aluno em que o seu grau de motivação era negativo, “pouco motivado”, mas no 3º período, após a realização de todas as atividades, indicou, também no questionário ministrado, uma subida motivacional para o grau motivacional seguinte, “um pouco motivado”.

Em contrapartida, relativo ao Curso Profissional de Musica, é notório a presença de um aluno que inicialmente, já apresentava um baixo nível motivacional, “pouco motivado”, e essa baixa motivação diminuiu para um nível ainda mais baixo segundo a revelação da tabela, “nada motivado”.

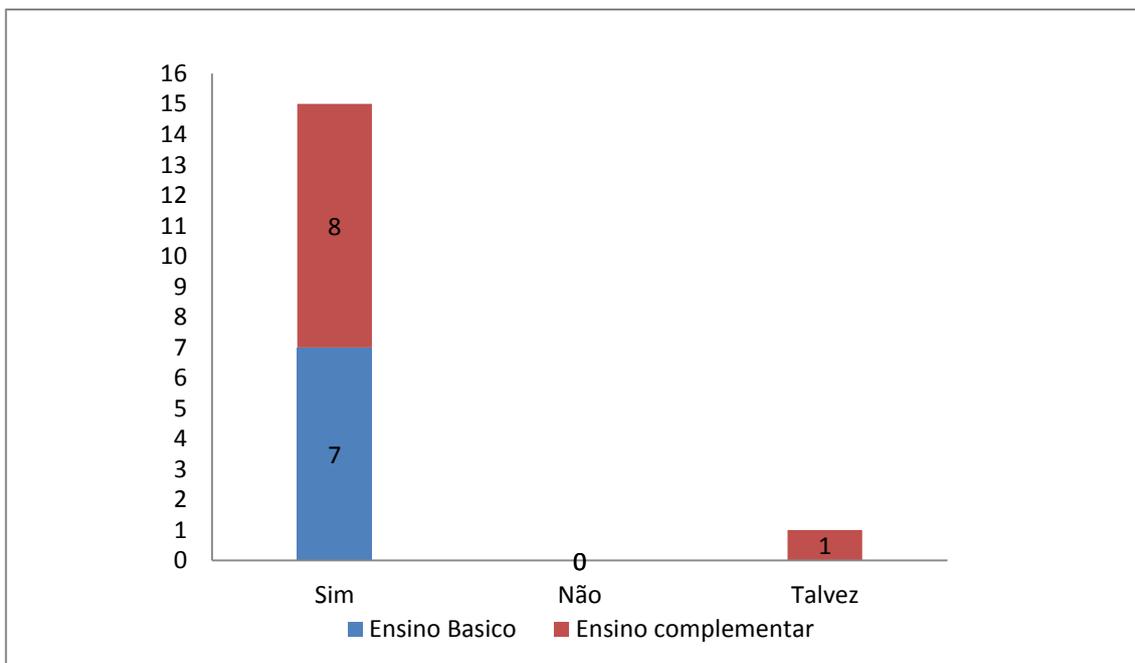


Gráfico 5: Opinião dos alunos relativamente ao fato das atividades extracurriculares terem sido estimulantes/motivantes

O gráfico 5 apresenta a opinião dos alunos em relação à possibilidade de se sentirem estimulados/motivados no 3º período, em consequência das atividades extracurriculares.

Como presente o gráfico indica, praticamente todos os alunos (93.75%) indicaram a resposta “sim”, existindo somente 1 aluno¹⁵ pertencente ao ensino complementar que assinalou a opção “talvez”.

De facto, durante a realização de todas as atividades extracurriculares, foi-se sentido, bastante motivação, empenho e muita vontade, por parte dos alunos em quererem participar nelas.

Nos questionários, para além das questões que lhes eram colocadas, relativamente ao facto de se sentirem motivados/empenhados em razão das atividades realizadas, era-lhes solicitado que explicassem porquê. Assim, achou-se conveniente indicar algumas dessas

¹⁵ Segundo os inquéritos ministrados aos alunos no 3º período, pode-se afirmar que este aluno apesar de ter escolhido a opção “talvez”, quanto à possibilidade da sua motivação estar em razão de ter participado nas atividades extracurriculares realizadas para este estágio, foi um aluno que respondeu, em relação ao grau de motivação, “Bastante Motivado”.

respostas, assinaladas como mais importante na medida que vão ao encontro das respostas para este trabalho:

- “Porque toquei fora da escola”;
- “Porque é mais interessante”;
- “Gosto mais pois cativam-me muito”;
- “Motiva as pessoas”;
- “Conheci novas pessoas e aprendi mais”;
- “Estas atividades complementam as matérias aprendidas no programa de ensino definido”;
- “É muito gratificante mostrar ao público o nosso trabalho”;
- “Em algumas delas aprendi não só coisas acerca do mundo da música, como também, cresci no sentido de minimizar as minhas falhas enquanto intérprete”

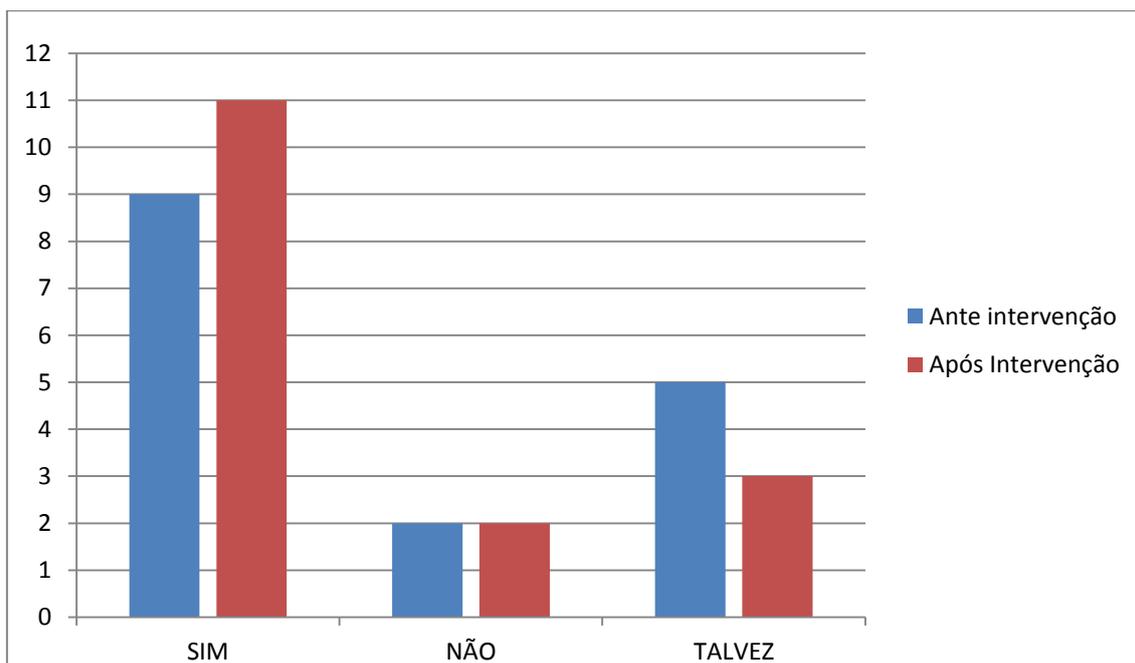


Gráfico 6: Determinação em prosseguir os estudos antes e depois da intervenção em relação ao número total de alunos

Quer no primeiro, quer no segundo inquérito fornecido aos alunos, no 2º e 3º período, respetivamente, foi-lhes questionado sobre a sua determinação em prosseguir os seus estudos musicais para o nível posterior. As perguntas de ambos os inquéritos, eram exatamente iguais.

Após a análise de resultados dos inquéritos, procedeu-se à sua respetiva comparação, como se pode verificar no gráfico 6. O referido gráfico representa dados concretos sobre a determinação, em relação a todos os alunos, em prosseguir os seus estudos musicais para um nível seguinte.

Na fase antes da realização da intervenção, já existiam muitos alunos querendo prosseguir os seus estudos musicais, havendo um número total de 9 alunos (56.25%); existiam 5 alunos (31.25%) que estavam hesitantes quanto à continuidade dos seus estudos para um nível superior e 2 alunos (12.5%), também, sem intenções de prosseguir quaisquer estudos musicais¹⁶.

Segundo os dados recolhidos nos segundos inquéritos (3º período), fase seguinte à realização das atividades extracurriculares, foi possível verificar, segundo a tabela anterior, que no que diz respeito à hesitação em prosseguir, ou não, os estudos para um nível superior por parte dos alunos, existe uma diminuição de 2 alunos, havendo um total de 3 alunos (18.75%). Verifica-se também que houve um aumento de 2 alunos a quererem continuar os seus estudos musicais, existindo um total de 11 alunos (68.75%). Em consequência existe o mesmo número de alunos que não têm intenções de dar continuidade ao estudo.

¹⁶ Pode-se afirmar que, segundo os inquéritos recolhidos, os alunos que não pretendem prosseguir os estudos, indicaram um nível de motivação médio “nem pouco nem muito motivado” e o nível de motivação precedente “um pouco motivado”, ou seja, neste caso o nível de motivação não está bem relacionado com a determinação em prosseguir os estudos, dado que ambos apresentaram níveis de motivação positivos.

Tabela 9: Determinação em prosseguir os estudos antes e depois da intervenção por aluno, em relação ao ensino básico e complementar

Determinação \ tipo de ensino	Ante intervenção		Pós intervenção	
	Básico	Comp.	Básico	Comp.
Sim	5	4	5	6
Não	-	2	-	2
Talvez	2	3	2	1

Legenda: Comp. – Complementar

A tabela 7 apresenta os mesmos dados que no gráfico 6, mas de uma forma mais detalhada, fazendo distinção entre o ensino básico e o ensino complementar.

Assim podemos verificar que no que toca ao ensino básico, independentemente do momento, a sua vontade em prosseguir os estudos sempre foi positivo, existindo sempre um total de 5 alunos (31.25%).

Relativamente ao aumento de 2 alunos que responderam “sim” nos questionários, em relação à determinação em prosseguir os estudos ou não, de facto, foram alunos do ensino complementar¹⁷.

Igualmente se verifica que houve 2 alunos (12.5%), somente do ensino complementar, que, desde o início do ano letivo, não demonstraram determinação em prosseguir os estudos musicais para o ensino superior.

Quanto à incerteza “talvez” em continuar os estudos, numa vertente musical, a tabela apresenta-nos uma constante, em relação à ante e pós intervenção, por parte de 2 alunos (12.5%) do ensino básico e, uma diminuição de 2 alunos (12.5%) do ensino complementar, que se constata, através dos inquéritos ministrados aos próprios, terem indicado a opção “sim” no 3º período.

¹⁷ De acordo com os dados sociodemográficos presentes nos inquéritos, pode-se afirmar que esses dois alunos, frequentam o 6º e 7º graus de escolaridade, respetivamente.

9.2. Entrevista

A entrevista realizada ao professor cooperante (anexo C), como já referido anteriormente, vem no sentido de aclarar perguntas, por vezes com respostas obscuras, relativamente a todas as ações desenvolvidas durante a intervenção pedagógica. Digamos que poderá ser considerada como uma das conclusões finais.

Nela podemos verificar que segundo a opinião do Professor Mesquita Lopes, as atividades foram bastantes motivadoras. No geral apurou-se um aumento significativo de motivação e desempenho nos alunos, existindo atividades como a master classe e o concerto na FNAC, em que foi notório a presença de muita curiosidade e vontade de participar nelas.

À medida que a intervenção pedagógica foi-se desenrolando, foi igualmente verificado um maior desempenho motivacional, sendo que inicialmente, numa escala de 1–5, os alunos demonstraram um grau motivacional entre 3 e 4, mas no final de todas as atividades apresentaram um valor superior, entre 4 e 5.

Na visão do professor entrevistado, inicialmente havia menos alunos interessados e motivados em seguir os estudos do que na fase final. À medida que a intervenção pedagógica foi decorrendo, houve alunos indecisos, que decidiram em continuar os seus estudos musicais (situação verificada na análise dos inquéritos realizados aos alunos).

Conclui-se portanto que, segundo a opinião do professor cooperante, a aplicação de atividades musicais extracurriculares em alunos de guitarra clássica, contribui para um aumento significativo da motivação escolar.

9.3. Inquérito on-line

Neste inquérito fizeram questão de participar 27 professores do ensino vocacional de guitarra clássica. Os inquiridos ministram aulas de guitarra clássica entre 1 e 32 anos sendo a média de quase 11 anos (10.62).

Seguidamente irá ser apresentado as perguntas efetuadas bem como as respetivas respostas, sendo os gráficos das mesmas, sido copiados diretamente do Google docs.

Costuma fazer atividades musicais extracurriculares com os alunos?

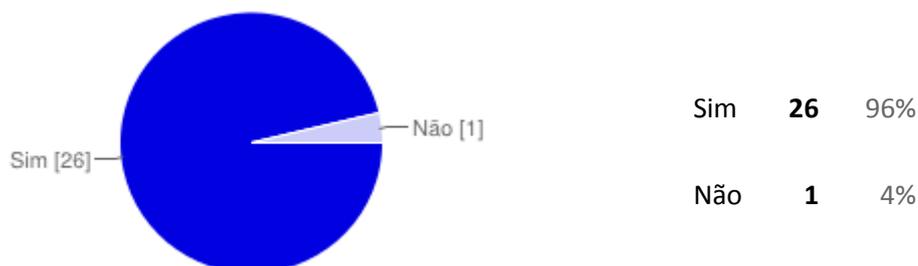


Gráfico 7: Percentagem de professores que têm por habito realizar atividades musicais extracurriculares

Se sim, que tipo de atividade costuma organizar¹⁸?

Recitais/concertos (Fora da escola)	18	67%
Master Classes/Workshops	25	93%
Intercâmbios escolares	14	52%
Visitas a centro musicais (salas de espetáculos, escolas superiores de música, universidades, etc.)	5	19%
Outro	10	37%

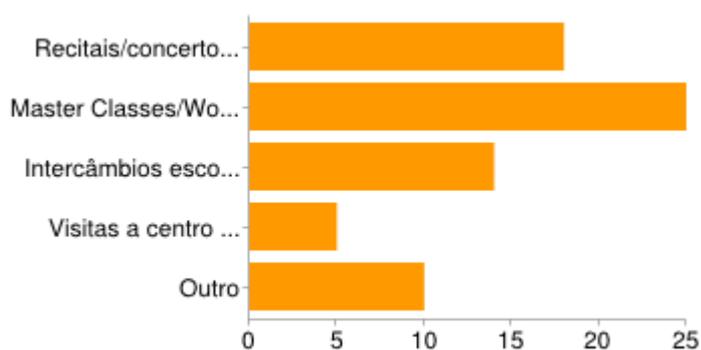


Gráfico 8: Tipos e quantidade de atividades musicais extracurriculares mais realizados por professores de guitarra clássica

¹⁸ As respostas excedem o número total de inquiridos (27-100%), uma vez que cada professor tinha a possibilidade de escolher mais do que uma resposta.

Acha que as atividades musicais extracurriculares poderão, de certa forma, contribuir para um melhor sucesso escolar?

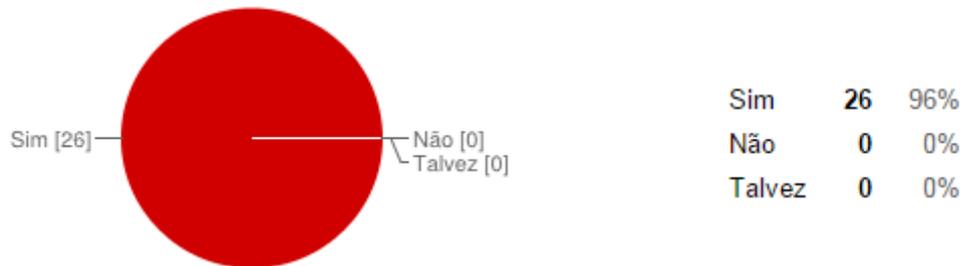


Gráfico 9: Opiniões de professores de guitarra sobre o facto das atividades extracurriculares contribuírem para um melhor sucesso escolar

Se não costuma organizar atividades musicais extracurriculares, indique qual o motivo.

Os alunos não se sentem preparados	0	0%
Tem receio de organizar essas atividades	0	0%
Acha que seria uma perda de tempo e prefere manter os seus deveres básicos enquanto docente	0	0%
Acha que é impossível economicamente para a escola onde lecciona, suportar alguns custos que advenham daí	2	7%
Nunca tinha pensado em organizar atividades musicais extracurriculares anteriormente	0	0%
Outro	3	11%

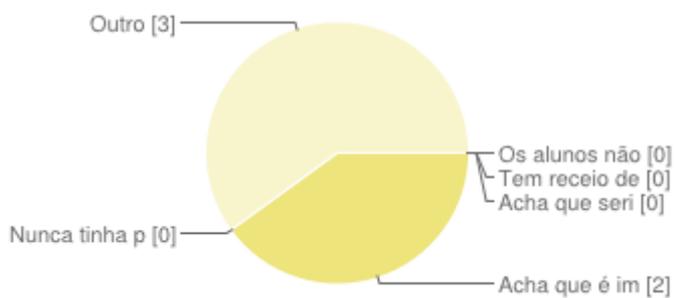


Gráfico 10: Razão pela qual não os professores de guitarra não realizam atividades musicais extracurriculares

É possível verificar que, pelas respostas obtidas, o desenvolvimento de atividades musicais extracurriculares já é bastante desenvolvido em Portugal, sendo as master classes a atividade mais desenvolvida. Todos os professores têm uma boa visão acerca dessas atividades, na medida em que os alunos que as frequentam, tendem a aumentar o seu sucesso escolar.

Todavia, apesar de apresentar poucas respostas, o não desenvolvimento dessas atividades, advém do facto das escolas não terem verbas para, algumas das vezes, as financiarem. Assim, deduz-se que a razão pela qual as visitas de estudo serem tão fracamente desenvolvidas, poderá vir do não financiamento das instituições, dado que são atividades que envolvem gastos significativos.

Conclusão

A escola constitui uma componente fundamental para ser humano. Sendo esta uma das principais fontes de moldagem do homem. Tudo o que o aluno aprende nela, grande parte irá definir eticamente o que irá ser fazer no futuro. Portanto, a escola é muito importante para o futuro da humanidade, sendo ela uma das principais razões do comportamento humano.

Todos os alunos para melhor escolher o seu futuro necessitam de aprender de forma correta. Porém, por vezes é difícil encontrar estratégias de ensino que se adaptem às necessidades dos aprendizes. Por isso, é necessário que as escolas tenham docentes competentes e habilitados para o efeito. Sem querer afirmar que muitas vezes a competência e a habilitação dos docentes sejam postos em causa, cabe ao professor encontrar soluções que motivem os alunos de forma a desenvolverem as suas capacidades dos alunos. Cada aluno tem de ser tratado de forma diferente, respeitando as suas necessidades, ir ao encontro das suas habilidades e aplicá-las de forma coerente.

A partir deste estudo foi possível, mediante o que foi desenvolvido, implementar estratégias pedagógicas que melhorem o desempenho dos alunos que estudam guitarra clássica. As atividades extracurriculares que foram desenvolvidas permitiram aos alunos participantes, desenvolverem capacidades, que muitas vezes não tinham sido alcançados estimulados.

Em grande parte dos casos, houve um aumento de motivação, de sucesso escolar e sobretudo, a prática de atividades musicais extracurriculares para alguns alunos indecisos em prosseguir os estudos musicais, fez com que determinasse positivamente as suas escolhas. Pôde-se igualmente verificar que apesar do aumento de motivação ter tido mais impacto em alunos com níveis académicos mais elevados, ou seja ensino complementar, foi possível verificar a vontade e o desempenho acrescido e, confirmado pelo professor cooperante, nos alunos do ensino básico.

Pode-se verificar que as atividades extracurriculares que foram desenvolvidas, trabalharam no sentido de oferecer aos alunos uma nova perspetiva em relação ao mundo

musical como ele realmente é, apesar destas não terem sido desenvolvidas na quantidade e qualidade inicialmente previstas.

O resultado desta investigação, realizada a partir de uma amostra de 16 alunos, pode de certa forma não ter o mesmo efeito do que seria possível com muito mais participantes. Isto é, se teria sido possível fazer esta investigação pedagógica com um número maior de amostras, o resultado poderia ter sido, ou não, mais significativo. Contudo, todas as ações que foram desenvolvidas e todas as informações recolhidas foram tratadas minuciosamente, para que a investigação revelasse dados concretos.

Este estudo não foi desenvolvido para determinar um novo método de ensino, mas sim para ajudar novas pesquisas que poderão vir ao encontro da mesma temática, permitindo assim, contribuir para a evolução e sugestão de novos métodos pedagógicos.

Referências bibliográficas

- Aguado D. (1965). *Studi per Chitarra*. Milano: Edizioni Suvini Zerboni.
- Almeida, L. S., & Nogueira, C. I. (2002). Investimento extracurricular e seu impacto diferencial na adaptação e rendimento acadêmico em alunos do ensino superior. *Revista Galego – Portuguesa de Psicologia e Educación, Volume 8*, 321 - 328.
- Berns, R. G., & Erickson, P. M. (2001). Contextual Teaching and Learning: Preparing Students for the New Economy. *The Highlight Zone: Research@ Work No. 5*.
- Brightmore, R (Ed). (2007). *Modern Times: The Complete Series*. Heidelberg: Chanterelle
- Cunha, A. D. J. D. (2013). *A importância das atividades extracurriculares na motivação escolar e no sucesso escolar*. Dissertação de Mestrado, Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal.
- Deci, E. L. & Ryan, R. M. (2000). The “what” and “why” of goal pursuits: Human needs and the self-determination of behavior. *Psychological Inquiry, 11* (4), 227-268.
- Delors, J. (1999). *Educação. Um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Trad. José Carlos Eufrázio, Brasília/São Paulo, DF.
- Delors, J. (1999). *Educação. Um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Trad. José Carlos Eufrázio, Brasília/São Paulo, DF.
- Duarte, J. W. (Ed). (1978). *Moods For Guitar*. Kent : Novello.
- Engelmann, E. (2010). *A motivação de alunos dos cursos de artes de uma universidade pública do norte do paraná*. Universidade Estadual de Londrina. Londrina

- Figueiredo, A. e Afonso, A., "Context and Learning: a philosophical framework", in A. Figueiredo e A. Afonso (eds) *Managing Learning in Virtual Settings: The Role of Context*, Hershey, PA, USA: Idea Group Publishing, 2005
- Figueiredo, L. (2011). *O papel da motivação na construção da aprendizagem*. Universidade de Lisboa: Lisboa
- Gerber, S. (1996). Extracurricular activities and academic achievement. *Journal of Research and Development in Education*, 30, 42-50.
- Gerrits, P (Ed). (1990). *Musique pour 3 et/ou 4 guitares* (vol. 1). Quebec: Doberman.
- Guimarães, S. E. (2004). A organização da escola e da sala de aula como determinante da motivação intrínseca e da meta aprender. *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea*, 78-95.
- Guimarães, S. É. R., & Boruchovitch, E. (2004). O estilo motivacional do professor ea motivação intrínseca dos estudantes: uma perspectiva da teoria da autodeterminação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(2), 143-150.
- Hentschke, L., dos Santos, R. A., Pizzato, M., Vilela, C. Z., & Cereser, C. (2009). Motivação para aprender música em espaços escolares e não-escolares Motivation to learn music in school and non-school contexts. *ETD-Educação Temática Digital*, 10 (esp.), 85-104.
- Imel, S. (2000). Contextual Learning in Adult Education. Practice Application Brief No. 12.
- Jesus, S. N. (2008). Estratégias para motivar os alunos. *Educação*, 31 (1), 21-29
- Locatelli, A. C. D., Bzuneck, J. A., & Guimarães, S. E. R. (2007). A motivação de adolescentes em relação com a perspectiva de tempo futuro. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (2), 268-276.
- Lourenço, A. A., & De Paiva, M. O. A. (2010). A motivação escolar e o processo de aprendizagem. *Ciências e Cognição/Science and Cognition*, 15 (2).

- Lourenço, A. A., & De Paiva, M. O. A. (2010). A motivação escolar e o processo de aprendizagem. *Ciências e Cognição/Science and Cognition*, 15 (2).
- Maria de Lourdes, V. R. (2000). Atividades extracurriculares. *Medicina (Ribeirao Preto. Online)*, 33 (2), 113-114.
- Martinelli, S. D. C., & Bartholomeu, D. (2007). Escala de motivação acadêmica: uma medida de motivação extrínseca e intrínseca. *Avaliação Psicológica*, 6 (1), 21-31.
- Maximiano, A. (2004). *Teoria geral da administração*. São Paulo: Editora Atlas
- Moriana, J. A., Alós, F., Alcalá, R., Pino, M. J., Herruzo, J., & Ruiz, R. (2006). Extra Curricular Activities and Academic Performance in Secondary Students. *Electronic Journal of Research in Educational Psychology*, 4 (1), 35-46.
- Muro, J. (1996). *Basic Pieces: Easy entertaining guitar pieces for beginners*. Columbus: Chanterelle.
- Neves, E. R. C., & Boruchovitch, E. (2004). A motivação de alunos no contexto da progressão continuada. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 20 (1), 77-85.
- Rossi, D. (2006). *Atividades musicais extracurriculares e aulas de artes nas escolas estaduais de ensino médio do município de Curitiba*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Brasil.
- Scheidt, K. (1960). *Tanze Und Weisen Aus Dem Barock*. Vienna:Universal edition
- Simão, R. I. P. (2005). *A relação entre atividades extracurriculares e o desempenho acadêmico, motivação, autoconceito e autoestima dos alunos*. Monografia do Instituto Superior de Psicologia Aplicada, não publicada. Lisboa.
- Sousa, F. (2012). *A criatividade como disciplina científica*. Santiago de Compostela: Meubook
- Todorov, J. C., & Moreira, M. B. (2005). O conceito de motivação na psicologia. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 7(1), 119-132.

Topper, G (1962). *A Modern Approach To The Guitar*. Amsterdam: Broekmans & van Poppel.

Vilela, C. Z. (2009). *Motivação para aprender música: o valor atribuído à aula de música no currículo escolar e em diferentes contextos*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brazil.

Anexos A - Inquéritos ante intervenção

Questionário de Atividades Extracurriculares para alunos de Guitarra Clássica de diferentes níveis/ graus

Idade: _____ Sexo (M/F): _____ Nível/Grau: _____ Avaliação do 1º período: _____

Data (dia-mês-ano): _____ - _____ - _____

Nas questões que se seguem, coloca uma cruz (✖) nas respostas que consideras mais adequadas. Responde às questões de forma honesta. Todas as respostas serão de caráter confidencial servindo somente como informação para um trabalho académico.

Nota: **Atividade Extracurricular** são todas as atividades que não fazem parte do programa escolar (OLCA)

1. Praticas alguma Atividade Extracurricular?

SIM

NÃO

1.1. Se respondeste “SIM”, quantas Atividades Extracurriculares praticas?

Uma Atividade

Duas Atividades

Três ou mais Atividades

1.2. Na tabela que se segue, indica quais são as Atividades Extracurriculares que praticas e qual a sua frequência semanal.

Atividade	Frequência semanal (1, 2, 3, etc.)

2. Indica por ordem numérica crescente, as Atividades Extracurriculares Musicais de que gostarias de participar, sendo “1” o mais preferido e “4 ou mais” o menos preferido.

Atividade	Ordem de Preferência
Audições/concertos/recitais	
Master classes (aulas)/workshops (conferências)	
Visitas a centros musicais (salas de espetáculo, escolas superiores de música, universidades, etc.)	
Intercâmbios escolares	
(Outros):	
(Outros):	
(Outros):	

2.1. Por que razão escolheste as Atividades nesta ordem de preferência?

3. Nesta questão indica com (✗) qual é, até ao momento, o teu grau de motivação em estudar Guitarra Clássica:

1 – Nada motivado	
2 – Pouco motivado	
3 – Nem pouco nem muito motivado	
4 – Um pouco motivado	
5 – Bastante motivado	

4. Responde com um (✘) à questão com a qual estás relacionado.

4 a) Se estás no ensino básico, pensas continuar os teus estudos musicais no ensino secundário oficial/livre? (risca o que não interessa)

SIM

NÃO

TALVEZ

4 b) Se estás no ensino secundário, pensas continuar os teus estudos musicais no ensino superior?

SIM

NÃO

TALVEZ

Obrigado pela participação!

Questionário de Atividades Extracurriculares para Professores Guitarra Clássica

Idade: _____ Sexo (M/F): _____ Níveis/Graus de ensino: Desde _____ até _____ graus

Exerce a sua profissão há quantos anos? _____ Numero total de alunos: _____

Data (dia-mês-ano): _____ - _____ - _____

Nas questões que se seguem, coloque uma cruz (✗) nas respostas que considere mais adequadas. Considere somente os alunos que frequentam a Orquestra de Guitarras. Todas as respostas serão de caráter confidencial servindo somente como informação para um trabalho acadêmico.

1. Tem por hábito organizar atividades extracurriculares musicais para os alunos durante o ano letivo?

SIM NÃO

1.1. Se respondeu “sim”, quantas atividades musicais costuma organizar anualmente?

Uma atividade Duas atividades Três ou mais atividades

1.2. Na seguinte tabela, aponte quais as atividades que organiza anualmente, indicando, por ordem crescente, qual o grau de importância de cada uma delas, sendo “1” o mais importante e “3 ou mais” o menos importante.

Atividade	Grau de importância
	1
	2
	3
	4
	5

1.3. Por que razão escolheu as atividades nesta ordem de importância?

2. Acha que as atividades extracurriculares musicais podem favorecer a aprendizagem e a motivação dos alunos no estudo de Guitarra?

SIM

NÃO

TALVEZ

2.1. Porquê? (Facultativo)

3. Na tabela seguinte indique qual é o grau de motivação que atribui aos seus alunos (em média) até ao momento.

1 – Nada motivados	
2 – Pouco motivados	
3 – Nem pouco nem muito motivados	
4 – Um pouco motivados	
5 – Bastante motivados	

3.1. De entre os seus alunos, quantos pensa que poderão, efetivamente, seguir os estudos de guitarra num nível superior? _____

Obrigado pela participação!

Anexo B - Inquéritos pós intervenção

Questionário de Atividades Extracurriculares para Professores Guitarra Clássica

Idade: _____ Sexo (M/F): _____ Níveis/Graus de ensino: Desde _____ até _____ graus

Exerce a sua profissão há quantos anos? _____ Numero total de alunos: _____

Data (dia-mês-ano): _____ - _____ - _____

Nas questões que se seguem, indique as respostas que considere mais adequadas. Todas as respostas serão de caráter confidencial servindo somente como informação para um trabalho académico.

1. Os seus alunos participaram em atividades musicais extracurriculares neste ano letivo?

SIM NÃO

1.1. Quais e quantas atividades musicais extracurriculares os seus alunos frequentaram neste ano letivo?

Atividade	Quantidade

2. Acha que os alunos se sentiram mais, ou menos empenhados/motivados por realizarem estas atividades?

MAIS EMPENHADOS/MOTIVADOS MENOS EMPENHADOS/MOTIVADOS

2.1.1. Se respondeu “Mais empenhados/motivados”, indique qual foi, de todas as atividades que os seus alunos participaram, aquela em que sentiu os alunos mais empenhados.

_____.

2.1.2 Se respondeu “Menos empenhados/motivados”, indique qual foi, de todas as atividades que os seus alunos participaram, aquela em que sentiu os alunos menos empenhados.

_____.

2.2. Acha que os alunos se sentiram mais motivados à medida que foram participando nas atividades?

SIM

NÃO

2.3. Indique quais as principais mudanças que observou nos alunos que participaram nas atividades musicais extracurriculares.

3. Na tabela seguinte indique qual é o grau de motivação que atribui aos seus alunos (em media) até ao momento.

1 – Nada motivados	
2 – Pouco motivados	
3 – Nem pouco nem muito motivados	
4 – Um pouco motivados	
5 – Bastante motivados	

3.1. Após a realização das atividades, de entre os seus alunos, quantos pensa que poderão, efetivamente, seguir os estudos de guitarra num nível superior? _____

Obrigado pela participação!

**Questionário sobre Atividades Musicais Extracurriculares e grau motivacional para alunos de
Guitarra Clássica de diferentes níveis/graus**

Idade: _____ Sexo (M/F): _____ Nível/Grau: _____ Avaliação do 3º período: _____

Data da realização deste inquérito (dia-mês-ano): _____ - _____ - _____

Nas questões que se seguem, coloca uma cruz (✕) nas respostas que consideras mais adequadas. Responde às questões de forma honesta. Todas as respostas serão de carácter confidencial servindo somente como informação para um trabalho académico.

Nota: **Atividade Extracurricular** são todas as atividades que não fazem parte do programa escolar (OLCA).

1. Durante este ano letivo participaste nalguma atividade **musical** extracurricular?

SIM

NÃO

1.2. Se respondeste sim, indica, na seguinte tabela, qual foi a atividade e a quantidade de vezes que participaste.

Atividade	Quantidade
Concertos/recitais	
Master classes (aulas)/workshops (conferências)	
Visitas a centros musicais (salas de espetáculo, escolas superiores de música, universidades, etc.)	
Intercâmbios escolares (Por exemplo, recitais/concertos com outros alunos)	
(Outros):	

1.2.1. Indica qual foi a Atividade Musical Extracurricular de que mais gostaste.

_____.Porquê? _____

1.2.2. Indica qual foi a Atividade Musical Extracurricular de que menos gostaste.

_____ .Porquê? _____

1.3. Sentiste-te mais estimulada por participares em atividades **musicais** extracurriculares, do que se estivesses somente a ter aulas e a participar em audições/eventos dentro da própria escola?

SIM NÃO TALVEZ

Porquê? _____

2. Nesta questão indica com (✘) qual é, até ao momento, o teu grau de motivação em continuar a estudar Guitarra Clássica:

1 – Nada motivado	<input type="checkbox"/>
2 – Pouco motivado	<input type="checkbox"/>
3 – Nem pouco nem muito motivado	<input type="checkbox"/>
4 – Um pouco motivado	<input type="checkbox"/>
5 – Bastante motivado	<input type="checkbox"/>

3. Responde com um (✘) à questão com a qual estás relacionado.

3 a) Se estás no ensino básico, pensas continuar os teus estudos musicais no ensino secundário oficial/livre? (risca o que não interessa)

SIM NÃO TALVEZ

3 b) Se estás no ensino secundário, pensas continuar os teus estudos musicais no ensino superior?

SIM NÃO TALVEZ

Obrigado pela participação!

Anexo C - Entrevista

Entrevista ao Prof. José Mesquita Lopes

Orfeão de Leiria

20-06-2014

- 1- Tendo em conta as atividades extracurriculares realizadas nesta Escola, ligadas com o Plano de Intervenção do meu Estágio, acha que estas tiveram alguma influência na motivação dos alunos que assistiram as mesmas? Se sim, de que maneira?

R: *Sim, tiveram influência na motivação dos alunos. Verificou-se que a quantas mais atividades foram, maior foi o sucesso em termos de notas nas provas finais e concurso 'Jovens Talentos' do OLCA. Os alunos que foram a todas as atividades tiveram 4 ou 5 na classificação da prova e obtiveram 2º e 3º prémios no concurso.*

- 2- Acha que os alunos se sentiram mais ou menos motivados à medida que foram participando nas diferentes atividades extracurriculares?

R: *Penso que se foram sentindo mais motivados, até por, nalguns casos, terem sido escolhidos para participar (exemplo concerto na FNAC). Na Master Classe (que foi a última atividade) senti uma grande vontade de conhecer e de aprender por parte dos alunos, pois para a maioria, foi a primeira vez que foram a um evento destes.*

- 3- Das atividades em que os seus alunos participaram, em quais achou que os alunos estavam mais empenhados e menos empenhados?

R: *Estiveram empenhados em todas. Mas senti mais motivação e 'brilho nos olhos' (talvez) na Master Classe.*

- 4- Numa escala de 1 a 5, sendo 1 nada motivado, e 5 muito motivado, qual era o grau de motivação dos alunos antes de participarem nas atividades extracurriculares musicais, em geral.

R: *3, 4.*

- 5- Numa escala de 1 a 5, sendo 1 nada motivado, e 5 muito motivado, qual é o grau atual de motivação dos alunos que participaram nas atividades extracurriculares musicais, em geral.

R: 4, 5.

- 6- Sugeriria a realização de outras atividades diferentes às que foram levadas a cabo, para promover um maior empenho dos alunos que estudam guitarra?

R: *Sim, mais se poderiam fazer. Como por exemplo, o concerto/visita ao Museu da Música (em Lisboa) que acabou por não se efetuar devido a falta de verbas para os transportes, ou a assistência a concertos de guitarra, música de câmara ou ensambles com qualidade.*

- 7- Antes da realização das atividades, quantos dos seus alunos considerava que teriam capacidade para seguir os estudos de guitarra a um nível superior, e estariam motivados para este fim?

R: *1/2 a solo mais 5 da Orquestra.*

- 8- Após a realização das atividades, quantos dos seus alunos considera que teriam capacidade para seguir os estudos de guitarra num nível superior e estariam motivados para este fim?

R: *2 a solo mais 6 da Orquestra.*

Anexo D – Gravações dos áudio visuais dos concertos